

Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja

Julho-Agosto de 2009



Comunhão e missão
O binômio do pequeno grupo ideal

Exemplar avulso: R\$ 9,50



Pequenos grupos

Uma ideia de Alguém que não pode errar



O imperativo da missão, p. 15

Construindo pontes, p. 22



Este é o momento

Precisamos avançar juntos. Esse é o ideal que nos move a produzir esta edição especial da revista *Ministério*. Através dela, queremos ampliar a visão do trabalho pastoral em conexão com os pequenos grupos, cujo papel é fundamental no preparo de um povo para o encontro com o Senhor. Esse é um plano divino e também um estilo de vida para toda a igreja na América do Sul. Contudo, sua força dependerá do comprometimento de cada pastor e membro.

Há alguns anos, temos trabalhado com esse tema. Já passamos por diferentes estágios dessa jornada e, agora, é o momento de consolidarmos a visão apresentada por "Aquele que não pode errar" (Ellen G. White, *Evangelismo*, p. 115).

Este é o momento de darmos um grande passo, conscientizando-nos de que o pequeno grupo é a base do funcionamento de uma igreja saudável. É a melhor estrutura para gerar missionários comprometidos, bem como novos conversos bem integrados e com qualidade.

Este é o momento de consolidar a formação de pequenos grupos de qualidade, através de protótipos e boa liderança, para termos uma igreja segundo a visão bíblica. É o momento de entender que o pequeno grupo tem função profética na preparação de um povo para o encontro com o Senhor.

Este é o momento de confirmarmos uma proposta adventista para os pequenos grupos. Existem muitas fórmulas, com agitação, estilo carismático, ênfase mística e apelo popular. Porém, não buscamos um pequeno grupo carismático ou contemplativo nem apenas um encontro de amigos. Não buscamos igrejas nos lares muito menos igrejas sem estrutura, baseadas em células. Não pretendemos desviar o foco da mensagem para os relacionamentos. Não buscamos classes bíblicas nas casas nem um programa temporário, fruto de promoções especiais. Não buscamos um grupo que viva apenas de acordo com a motivação, a visão e o conteúdo de seu líder.

Buscamos um pequeno grupo no qual se desenvolva o

amor mútuo, por Deus e pela Sua Palavra e onde a estrutura da igreja encontre o melhor lugar para desenvolver suas atividades. Pensamos em um pequeno grupo que não feche as portas da igreja para levá-la aos lares, mas que use o convívio dos lares para fortalecer a frequência à igreja; um pequeno grupo que seja relacional na forma dinâmica de estudar a Bíblia e aplicá-la à vida e às necessidades pessoais.


"É tempo de consolidar a formação de pequenos grupos de qualidade, para termos uma igreja segundo a Bíblia"

Queremos um pequeno grupo no qual os participantes abram o coração, usando como base o estudo dos grandes temas da Bíblia. Um pequeno grupo que seja missionário, motivando seus membros a cumprir a missão, recebendo e inte-

grandando novos interessados. Nosso objetivo é ter pequenos grupos que levem os membros às casas dos amigos para ali ministrar estudos bíblicos; que sirvam de apoio ao trabalho do pastor, através dos quais ele possa atender bem a igreja.

Nosso sonho é ter pequenos grupos com liderança capacitada e equipada, para que não se tornem porta de entrada para falsos movimentos. Que cresçam e se multipliquem, tendo sido gerados com solidez a partir de um protótipo ou plano de multiplicação.

À medida que essa visão avançar, escreveremos novo capítulo na história da igreja. Cresceremos com mais qualidade e também veremos mais membros envolvidos com a missão. Nosso exército estará mais organizado e os novos membros nascerão no reino de Deus com a devida motivação missionária e bem integrados ao discipulado.

Com a solidificação dos pequenos grupos, o cuidado pastoral será dividido com os líderes. A Bíblia se tornará ainda mais relevante às necessidades pessoais e atuais de nossos irmãos, que passarão a ser mais interessados uns pelos outros, de forma edificante. Estaremos mais próximos da chuva serôdia, dos grandes milagres do Espírito Santo e do reino do Céu. Este é o momento! 

Editor:

Zinaldo A. Santos

Assistente de Redação:

Lenice F. Santos

Revisoras:

Josiéli Nóbrega e Rosemara Santos

Chefe de Arte:

Marcelo de Souza

Designer Gráfico:

Marcos S. Santos

Foto de capa:

William de Moraes

Colaboradores Especiais:

Bruno Raso; Ranieri B. Sales;
James Cress; Nikolaus Satelmajer

Colaboradores:

Edilson Valiante; Edward Heindinger
Zevallos; Feliz Santamaria; Francisco C.
Bussons; Horácio Cairus; Ivanaudo B.
Oliveira; Ivancy Araújo; Jair Garcia Góis;
Montano de Barros Netto; Patrício B.
Alfaro; Samuel Jara; Valdilho Quadrado

Diretor Geral:

José Carlos de Lima

Diretor Financeiro:

Edson Erthal de Medeiros

Redator-Chefe:

Rubens S. Lessa

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06

Segunda a quinta, das 8h às 20h

Sexta, das 7h30 às 15h45

Domingo, das 8h30 às 14h

Site: www.cpb.com.br

E-mail: sac@cpb.com.br

Ministério na Internet:

www.dsa.org.br/revistaministerio

www.dsa.org.br/revistaeministerio

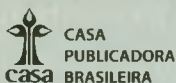
Redação: ministerio@cpb.com.br

Todo artigo, ou correspondência, para
a revista **Ministério** deve ser enviado para
o seguinte endereço:

Caixa Postal 2600 – 70279-970 – Brasília, DF

Assinatura: R\$ 45,60

Exemplar Avulso: R\$ 9,50



Editora dos Adventistas do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34
18270-970 – Tatuí, SP

Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total
ou parcial, por qualquer meio, sem prévia
autorização escrita do autor e da Editora.



De volta às origens

Com o entusiasmo de quem redescobriu o caminho para conduzir seu rebanho à experiência da igreja apostólica, o pastor Herbert Cleber, de Pesqueira, PE, afirma: “Quando se abrem as portas dos nossos 61 pequenos grupos espalhados pela cidade, vidas são transformadas. Os resultados evangelísticos são surpreendentes. Somente nos primeiros quatro meses deste ano, mais de oitenta pessoas já foram alcançadas através do trabalho dos pequenos grupos, e duas novas igrejas foram estabelecidas”.

No bairro Prado, da mesma cidade, o irmão Luiz Gonzaga convidou vizinhos e amigos para uma reunião de estudo da Bíblia, às sextas-feiras à noite. Os encontros se sucederam e o aspecto relacional foi desenvolvido. Hoje, os participantes desse pequeno grupo interagem, crescem e se fortalecem espiritualmente, através da oração intercessora mútua, continuam estudando as Escrituras e prestam serviços à comunidade. Atraídas pelo testemunho desse pequeno grupo, 20 pessoas trocaram o mundo por Cristo, descendo às águas batismais.

De norte a sul, leste a oeste, o testemunho de pastores e membros é o mesmo: igrejas que implantaram pequenos grupos mudaram, e muito, para melhor. Nas palavras do pastor Herbert, “as igrejas são fortalecidas, crescem e se multiplicam. O pequeno grupo é um lugar de vida, atividade, liberdade, companheirismo, amor e solidariedade”.

Em essência, isso não deveria nos surpreender. Afinal, uma característica marcante da igreja apostólica não foi justamente a experiência de uma igreja em comunidade? O verbo “redescobrir”, que aparece na primeira frase deste editorial não é aleatório. A dinâmica dos pequenos grupos não é nova. Diz Russell Burril: “Durante todo o Seu ministério, Jesus direcionou Seus discípulos para uma igreja relacional, onde pessoas viviam juntas em comunidade, enquanto eram restauradas da ruína da humanidade. Dessa comunidade familiar, deveria partir o evangelismo. Com a explosão do poder do Espírito Santo no Pentecostes, a igreja cresceu em número e espiritualidade. Como era essa nova comunidade de crentes? ... ‘Então, os que lhe aceitaram a palavra foram batizados, havendo um acréscimo naquele dia de quase três mil pessoas. E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações’” (*Como Reavivar a Igreja do Século 21*, p. 67).

É muito significativo que o remanescente de Deus retome o caminho de sua revolucionária origem apostólica. Como acrescenta Burrill, “na época do Novo Testamento, os pequenos grupos não eram uma opção; também não podem ser uma opção para a igreja do século 21. Está na hora de remodelar a igreja local em torno de pequenos grupos e retornar ao modelo de ministério da igreja primitiva” (Ibid., p. 76). ▀

Zinaldo A. Santos

11 FORÇA JOVEM NO PEQUENO GRUPO

13 FORTALECENDO A BASE

15 O IMPERATIVO DA MISSÃO

17 UMA TEOLOGIA DE PEQUENOS GRUPOS

21 TESTEMUNHO INSPIRADO

22 CONSTRUINDO PONTES

24 COMUNHÃO E MISSÃO



Foto: Jupiterimages / Stockport

27 SEM MEDO DE MUDAR

30 APROFUNDANDO A CAMINHADA

31 LOUVOR EM GRUPO

2 SALA PASTORAL

3 EDITORIAL

5 ENTREVISTA

8 AFAM

32 MURAL

34 RECURSOS

35 DE CORAÇÃO
A CORAÇÃO



“Os pequenos grupos são microcosmos da comunidade da criação de Deus. Sempre que duas ou mais pessoas se reúnem, tornam-se o reflexo real da imagem e semelhança de Deus.”

Gareth Icenogle

Êxito comprovado



ADALBERTO



LUIZ CARLOS



MARCOS NUNES



VALCI RIBEIRO

Quatro pastores de regiões brasileiras diferentes falam sobre conquistas e a importância dos pequenos grupos

Fotos cedidas pelos entrevistados

por Zinaldo A. Santos

Independentemente do lugar em que sejam adotados e das características socioeconômicas e culturais da sociedade na qual estejam inseridos, uma coisa é certa: os pequenos grupos dão nova vida a qualquer igreja.

Ministério entrou em contato com pastores de quatro diferentes regiões brasileiras, a fim de que partilhassem sua experiência com esse método de trabalho. Evidentemente, eles não são os únicos com histórias para contar a respeito de assunto tão empolgante e que fundamenta as atividades missionárias da igreja sul-americana, especialmente desde o dia 30 de maio deste ano, com a abertura dos “Lares de Esperança”.

Com 13 anos de trabalho, o pastor Adalberto de Souza e Silva, nascido no Rio Grande do Norte, lidera um distrito na Missão Pernambucana Central. Tendo iniciado as atividades pastorais em 2004, o pastor Luiz Carlos Damasceno, gaúcho de Canguçu, é distrital na Associação Catarinense. Por sua vez, o pastor Marcos Nunes, que nasceu em Corumbá, MS, com a experiência ministerial de 13 anos, lidera um distrito na Associação Planalto Central. E o mineiro de Rêspendor, pastor Valci Ribeiro Inácio, que iniciou sua carreira pastoral em 2002, trabalha na Associação Amazônia Ocidental.

Seguem os principais trechos da entrevista.

Ministério: Como os senhores descrevem seus respectivos distritos?

Adalberto: Nosso distrito tem como sede o bairro de São João da Escócia, em Caruaru, Pernambuco. É composto de quatro igrejas e três grupos que totalizam 700 membros. Estamos numa região onde prevalecem o turismo e o comércio têxtil.

Luiz: Trabalho em Araranguá, Santa Catarina, cuidando de 440 membros distribuídos em quatro igrejas organizadas e três grupos. As diferenças são bem marcantes nos aspectos econômicos, sociais e culturais.

Marcos: Estamos localizados na cidade de Formosa, Goiás, situada na região norte do entorno de Brasília. Sua população é caracterizada,

principalmente, pela existência de muitos funcionários públicos e boa estabilidade financeira. Por isso mesmo, as pessoas buscam ampliar constantemente seu nível de conhecimento.

Valci: A sede do nosso distrito é o bairro de Liberdade, em Porto Velho, capital de Rondônia. Pastoreamos onze congregações e 1.120 membros numa população de aproximadamente 30 mil pessoas. Trata-se de uma região em que se misturam as classes média e baixa, sendo que, em nossas igrejas, a primeira está representada por 5% dos membros.

“Ter uma igreja funcionando em pequenos grupos é o sonho de todo pastor”

Ministério: *Quantos pequenos grupos existem em seu distrito?*

Adalberto: Em meu distrito existem 47 pequenos grupos distribuídos por todas as congregações. Posso afirmar que temos uma igreja em pequenos grupos. Todos os projetos e programas são realizados direta ou indiretamente com o apoio e atuação dos pequenos grupos.

Luiz: Temos 29 pequenos grupos em todas as congregações. No entanto, em alguns lugares, eles estão mais enraizados do que em outros. Algumas igrejas ainda veem o pequeno grupo como apenas mais um programa, ao passo que outras o adotaram como estilo de vida.

Marcos: Atualmente, existem 60 pequenos grupos, funcionando dentro da visão proposta pela liderança da Igreja. Algumas congregações estão mais avançadas na implantação e consolidação do plano. Em outras, trabalhamos com paciência. Não queremos pular apressadamente nenhuma etapa de implantação.

Valci: Temos 50 pequenos grupos em 90% das onze congregações de nosso distrito. É bom esclarecer que, em nossa região, os pequenos

grupos estiveram sempre mais direcionados para o evangelismo. Porém, agora, estamos em fase de conscientização do aspecto mais relacional, de acordo com a Bíblia e os escritos de Ellen G. White.

Ministério: *Em termos de qualidade, como os senhores consideram o funcionamento desses grupos?*

Adalberto: Há lugares em que eles funcionam muito bem. Em outros lugares, precisam crescer. Tudo depende do nível de comprometimento e preparo da liderança. Percebi que, quando o ancião da igreja assume a ideia, fica muito mais fácil contagiar a igreja.

Luiz: Temos igrejas funcionando em pequenos grupos e igrejas com pequenos grupos. O primeiro caso diz respeito a igrejas em que esse plano é o estilo de vida missionária. Elas atuam como protótipos para as demais, a fim de que estas também se envolvam totalmente no projeto.

Marcos: Ter uma igreja em pequenos grupos é o sonho de todo pastor. Porém, isso requer trabalho constante, persistente, planejamento, treinamento e supervisão. Estamos perseguindo a realização desse sonho. Por isso, investimos na formação e capacitação de líderes, além de motivar as igrejas em sermões, seminários, festivais, reuniões de testemunhos e envolvendo os pequenos grupos nas programações.

Valci: Minha experiência é semelhante à do pastor Adalberto. Quando o pequeno grupo tem uma liderança preparada e comprometida, os resultados são extraordinários.

Ministério: *Quais são os resultados práticos da implantação dos pequenos grupos em suas igrejas?*

Adalberto: Este é meu terceiro ano no distrito e, em 2007, havia doze pequenos grupos. Batizamos 81 pessoas, mas parecia haver pouca

motivação para o crescimento, além de reduzida aceitação e prática dos princípios elementares da mordomia cristã. Um ano e quatro meses depois, com 47 pequenos grupos, a diferença era grande. Tanto que, no ano passado, os batismos chegaram a 180, os dizimos mais que duplicaram, o envolvimento missionário é crescente, as igrejas estão mais fraternas, entusiasmadas e receptivas, o índice de apostasia é cada vez menor. Somente no primeiro trimestre deste ano, já batizamos o mesmo total do ano 2007. Três novos pontos de pregação foram estabelecidos tendo em vista o surgimento de novas congregações.

Luiz: Posso dizer que, antes dos pequenos grupos, não tínhamos uma igreja comprometida com a missão. Atualmente, esse comprometimento cresce cada vez mais. Os batismos também crescem e o índice de apostasia caiu significativamente.

Marcos: Há três anos, nosso distrito era composto de oito congregações e tínhamos grandes desafios. Entre eles, a frustração pelas tentativas fracassadas de implantação de pequenos grupos e pouco envolvimento missionário por parte dos irmãos. A maior parte dos resultados evangelísticos era decorrente apenas do esforço e talento do pastor. Com muito trabalho e oração, a igreja voltou a crer nos pequenos grupos. Implantados e em pleno funcionamento, hoje, os destaques são o envolvimento nas atividades missionárias, formação de novos discípulos e assistência dispensada aos novos conversos.

Valci: Embora, como mencionei antes, nossa ênfase maior seja evangelística, posso afirmar que os aspectos de envolvimento missionário da igreja, comunhão entre os irmãos e a conservação de novos membros são muito mais expressivos, hoje, depois dos pequenos grupos.

Ministério: *Como tem sido o relacionamento dos pequenos grupos e os outros departamentos da igreja?*

Adalberto: Em nosso distrito, as igrejas têm sido altamente beneficiadas com a integração dos pequenos grupos com os outros departamentos. Estes partilham com aqueles seus alvos e projetos, criando um ambiente de cooperação e integração que promove a unidade e expansão da igreja.

Luiz: Os pequenos grupos incorporam ao seu programa as atividades dos departamentos da igreja, o que tem facilitado o trabalho dos líderes bem como o cumprimento dos objetivos desses departamentos.

Marcos: Em uma das nossas igrejas, a comissão propôs que os líderes da igreja para o ano seguinte deveriam estar ligados a um pequeno grupo. De fato, ao conferirmos a lista dos novos oficiais, todos eles participavam de pequenos grupos. Assim, o trabalho fluiu maravilhosamente bem. As promoções dos departamentos passaram a ser feitas através dos pequenos grupos. Os líderes perceberam que, no pequeno grupo, a resposta aos programas e promoções de seus respectivos setores é imediata e com intensidade. Os pequenos grupos são aliados, facilitadores dos departamentos.

Valci: Na maioria dos casos, os líderes de pequenos grupos também são líderes de departamentos. Então, os pequenos grupos participam ativamente do módulo semanal, dirigindo Escola Sabatina, Encontro Jovem e outras programações. O mesmo acontece em relação às atividades missionárias. Em vez de concorrência, há participação integrada.

Ministério: *E quanto a outros métodos de evangelização? Têm os pequenos grupos limitado a utilização deles?*

Adalberto: Absolutamente, não. Veja o evangelismo público, por exemplo. Em nosso caso, cada pequeno grupo tem um território designado para evangelizar, dando estudos bíblicos, encaminhando interessados

ao local de pregação e cuidando deles. As duplas missionárias são ativas na visitação de casa em casa e na prática da oração intercessora.

“O pequeno grupo é a estrutura ideal para que os diversos métodos de evangelização sejam empregados”

Luiz: O pequeno grupo representa um forte apoio aos demais métodos de evangelização. Nas ocasiões em que realizamos campanhas evangelísticas, o pequeno grupo tem sido a base do trabalho. É através dele que o campo é preparado, os interessados são assistidos e, depois de batizados, são envolvidos no discipulado. Isso ajuda muito na conservação deles na igreja.

Marcos: O pequeno grupo é a estrutura ideal para que os diversos métodos sejam empregados. Nos pequenos grupos, estão as duplas missionárias, instrutores bíblicos e até pregadores para o evangelismo público. Os pequenos grupos fornecem recursos humanos para qualquer empreendimento missionário da igreja. Por exemplo, em uma reunião com líderes de pequenos grupos, eles foram animados a formar duplas missionárias. No encontro seguinte, trouxeram nomes de 73 duplas que passaram a dar assistência a 160 pessoas interessadas no evangelho.

Valci: Já ressaltai que fazemos evangelismo através dos pequenos grupos. Neles, formamos as duplas missionárias para visitar pessoas, dar estudos bíblicos, distribuir folhetos, cuidar dos interessados e participar do programa evangelístico em si. Durante a Semana Santa, em uma igreja, 13 pequenos grupos participaram diretamente na programação.

Ministério: *Que experiência, considerada marcante, os senhores gostariam de partilhar?*

Adalberto: Há muitas experiências que poderiam ser relatadas. Mas, quero destacar o quadro completo, anteriormente mencionado: o crescimento em todas as áreas. Conhecendo minhas igrejas e a realidade local, sei que isso é um grande milagre.

Luiz: Balneário Arroio do Silva era um município em que não havia presença da igreja adventista, até quatro anos atrás. Ali, o trabalho começou com um pequeno grupo que foi duplicado, um ano e meio depois. Esses dois grupos, unidos, programaram e realizaram a campanha evangelística da Semana Santa. O resultado foi o estabelecimento de uma nova congregação.

Marcos: Três pequenos grupos se uniram para fazer evangelismo público em um bairro periférico da sede do nosso distrito. Para isso, alugaram uma pequena tenda que foi erguida na área ao lado de uma casa em que se reunia um desses grupos. Então, convidaram vizinhos, amigos, familiares e pessoas que já estavam estudando a Bíblia. O primeiro batismo foi de 20 pessoas. A continuidade da campanha levou à aquisição de um terreno e à construção do templo. Como resultado, o total de batismos foi de 145 pessoas. Na verdade, um marco evangelístico histórico na região.

Valci: A irmã Elane Montenegro sempre desejou ter um pequeno grupo em sua casa. Porém, entre outras dificuldades, seu esposo não era da igreja e se opunha ao projeto. Certo dia, ouvindo mais um apelo do diretor de Ministério Pessoal da igreja, ela resolveu arriscar. Foi somente depois de muita luta que o marido concordou e chegou a assistir às reuniões. Finalmente, o batizei e hoje o irmão Valfredo faz parte da equipe missionária da igreja. ▀



Tânia M. Lopes Torres
Socióloga, esposa de pastor na
Associação Mineira Central

O jeito feminino de evangelizar

"Mulheres que se disponham a consagrar uma parte de seu tempo ao serviço do Senhor deveriam ser indicadas a fim de visitar os enfermos, cuidar dos jovens e ministrar às necessidades dos pobres"



Desenvolvida pelo erudito norte-americano Lyman Wyne, a assim chamada Teoria Epigenética dos Relacionamentos é um modelo explicativo dos relacionamentos interpessoais. De acordo com essa teoria, todo relacionamento interpessoal saudável passa por cinco fases: apego, comunicação afetiva, resolução conjunta de problemas, mutualidade e intimidade. Tendo isso em mente, pode-se dizer que não adianta oferecer estudos bíblicos a pessoas com quem ainda não se tenha desenvolvido um relacionamento saudável. Ou seja, para sermos bem-sucedidos no cumprimento da grande comissão, precisamos desenvolver relacionamentos.

Ao ouvir sobre essa teoria, eu pude chegar a algumas conclusões bastante pessoais acerca das informações que recebia. Minha formação em sociologia já me havia levado a estudar o fenômeno do crescimento e decadência de movimentos religiosos. De fato, minha tese de mestrado, defendida junto à Universidade do Texas, havia versado sobre a decadência do catolicismo na América Latina.

A base do crescimento

Mesmo antes de entrar em contato com as ideias de Wyne, eu já estava convencida de que os relacionamentos formam parte essencial do crescimento dos movimentos religiosos. Eu já estava familiarizada com as pesquisas do sociólogo cristão Rodney Stark, que afirmara que a conversão a grupos religiosos ocorre quando, mantido tudo o mais, as pessoas têm ou desenvolvem relacionamentos com os membros do movimento.¹ Então, concluí que as mulheres adventistas podem desempenhar papel relevante em criar uma atmosfera religiosa que favoreça a formação de relacionamentos.

Parece que as mulheres ainda são aquelas que, com maior facilidade, conseguem desenvolver, em seus relacionamentos, as fases propostas pela Teoria Epigenética. Isto é, parece que elas têm mais facilidade para desenvolver apego, comunicação afetiva, resolução conjunta de problemas, mutualidade e intimidade. Não é por acaso que, de modo geral, as igrejas adventistas ainda optam que, preferencialmente, as mulheres exerçam a função de recepcionistas. Na verdade, a atuação das mulheres no contexto religioso tem sido geralmente associada à provisão de cuidado e atenção.

De acordo com uma teoria desenvolvida por Márcia Guttentag e Paul Secord,² todas as vezes que, em uma determinada comunidade, o número de mulheres supera o número de homens, as mulheres passam a desfrutar de *status* superior ao que tinham anteriormente e, como resultado disso, passam também a desempenhar atividades anteriormente restritas aos homens. Então, é possível que, num futuro próximo, as mulheres sejam as principais responsáveis pelas conversões que ocorrerem na Igreja Adventista. Foi precisamente isso o que aconteceu com o cristianismo primitivo. Apesar dos inescrutáveis sermões pregados por Pedro e Paulo, os

historiadores e sociólogos modernos afirmam que, exceto pelas intervenções divinas na história da igreja, o fato de as mulheres excederem o número de homens no início da pregação evangélica foi um dos mais relevantes para o rápido crescimento do cristianismo através de conversões primárias e secundárias.³

Liderança servidora

Segundo a opinião de Hjalmarson, citado por Roger Helland, autenticidade é uma palavra-chave da pós-modernidade: “Os pós-modernos rejeitam a autoridade em termos de posição, em favor da autoridade no relacionamento. Eles não absorvem a hierarquia e tendem a reconhecer a autoridade somente quando ela é conquistada. Não respeitam líderes que estejam ‘sobre’ mas não estejam ‘entre’. Isso alinha com o ensinamento do Novo Testamento sobre o sacerdócio dos crentes e o ensino de Jesus no sentido de que ‘o maior entre vós seja o servo de todos’.”⁴

Uma liderança servidora e amorosa é o caminho para mover a igreja para uma ação efetiva e permanente. E a estrutura dos pequenos grupos se encaixa muito bem nessa nova realidade. Eles formam o ambiente ideal para o envolvimento das mulheres adventistas na missão da igreja, uma vez que lhes fornecem o ambiente ideal para o que se sabe que elas sabem e podem fazer melhor que ninguém: prover atenção e cuidado às outras pessoas, sejam essas do sexo masculino ou feminino, crianças, jovens ou adultas.

Além disso, os pequenos grupos suprem as condições ideais para que as mulheres possam exercer liderança, servindo de modelo para o tipo de líder-servo pelo qual a igreja anseia. Assim, o pequeno grupo se torna um importante ambiente no qual as mulheres podem exercer com a maturidade e espiritualidade que lhes são peculiares, um verdadeiro ministério, cumprindo, dessa forma, o papel que já lhes foi atribuído por Ellen G. White:

“As mulheres que se dispuserem a consagrar uma parte de seu tempo ao serviço do Senhor deveriam ser indicadas a fim de visitar os enfermos, cuidar dos jovens e ministrar às necessidades dos pobres... Precisamos variar em nossos métodos de trabalho. Mão nenhuma deve ser amarrada, nenhuma pessoa desencorajada, nenhuma voz silenciada. Que cada trabalho individual, particular ou público, ajude a avançar esta grande obra.”⁵

De fato, as mulheres adventistas podem se envolver em um ministério muito mais vibrante e dinâmico do que têm feito até aqui. Embora seja verdade que modelos de evangelismo que incluíam a mera distribuição de panfletos (quer realizada por homens ou mulheres, ou por iniciativa conjunta de ambos) nunca funcionaram de forma a compensar o esforço que demandavam.

Espontaneidade salvadora

Após fazerem minucioso estudo do evangelismo realizado de porta em porta pelos mórmons, nos Estados

Unidos, Stark e Bainbridge chegaram à seguinte conclusão: "Quando os missionários fazem uma visita fria ou batem à porta de estranhos, essa abordagem produz uma conversão a cada mil visitas. Quando, em vez disso, estabelecem o primeiro contato com alguém na casa de um amigo mórmon ou de um parente dessa pessoa, tal abordagem resulta em conversão em 50% dos casos."⁶

Dessa forma, repito que, para sermos bem-sucedidos no cumprimento da grande comissão, precisamos criar relacionamentos saudáveis com as pessoas a quem queremos alcançar para salvar. Estudos sociológicos e científicos, como os realizados por David Bohm, nos informam que os pequenos grupos oferecem as condições ideais para que isso ocorra.⁷

Além disso, o psicólogo e pediatra Donald Winnicott, após anos de prática clínica, chegou à conclusão de que nada é mais eficiente para a formação de relacionamentos saudáveis do que a criação de ambientes em que gestos espontâneos ocorram. Segundo ele, o gesto espontâneo é muito mais eficiente do que aqueles que ocorrem em condições formais. Assim, é durante os momentos formais, quando ajudam os filhos a fazer o dever escolar de casa, que os pais geralmente se preocupam mais em lhes dar instrução ou lhes falam com seriedade a respeito dos problemas da vida. No entanto, Winnicott também sugere que é nos momentos em que os pais brincam com os filhos que eles têm as oportunidades mais valiosas de lhes transmitir instrução à qual os filhos reagirão positivamente. É a oportunidade dos gestos que garante seu efeito sobre as pessoas.

Muitas vezes, queremos impressionar as pessoas trazendo-as a um culto minuciosamente planejado e não percebemos que a falta de espontaneidade acabará por destruir nossas chances de criar um relacionamento significativo e saudável com a pessoa convidada. Ora, que atmosfera poderia ser mais condutora a gestos espontâneos do que a intimidade de um pequeno grupo na casa de um dos membros da igreja?

Tempo oportuno

O momento em que vivemos é caracterizado por espantosa tolerância ao posicionamento religioso. Isto é, apesar de uma intensa secularização e tecnologização dos relacionamentos e das instituições sociais, o homem pós-moderno se abre, de forma muito mais amadurecida, à diversidade e à coexistência com diferenças religiosas. Os adventistas do sétimo dia nunca foram tão estimados e admirados como agora. Portanto, o momento é bastante favorável para a criação de grupos de diálogo entre a Igreja Adventista do Sétimo Dia e os diversos segmentos da sociedade.⁸

Nem todos os sociólogos e cientistas veem como algo negativo a formação de redes virtuais de relacionamentos através da internet. Norbert Elias, por exemplo, defende a formação de comunidades e redes virtuais de convivência

como um indício da unidade psíquica da humanidade.⁹ Sua teoria social processualista (de caráter evolucionista e aplicável apenas aos povos em estado de civilização) prevê, inclusive, que esse conexismo seja essencial para o que chama de "estado de quotidianidade".

No entanto, outros estudiosos consideram extremamente danosos ao espírito humano os relacionamentos instantâneos e bastante superficiais derivados dessas redes.¹⁰ Por isso, Zygmunt Bauman adverte que, no passado, a hegemonia social era conseguida e assegurada pelo controle de edifícios estáveis e sólidos. Hoje, ao contrário, ela é obtida e mantida pelo poder da mobilidade desimpedida e pela capacidade de usar a mídia para reinventar a própria imagem. Para ele, o grande desafio na virada do milênio não mais seria obter as identidades de sua escolha e torná-las aceitáveis por outros, mas que identidade escolher e como ficar atento a outra identidade a ser adotada, caso aquela escolhida a princípio saia do mercado ou perca seus atrativos.

"O pequeno grupo forma o ambiente ideal para o envolvimento missionário da mulher"

A globalização rompante das redes de poder parece, então, fazer parte de um complô favorável a uma política de vida privatizada (uma reforçando a outra). Tudo parece conspirar para fazer com que a globalização das condições de vida, o retalhamento e a privatização das lutas da vida, sejam automatizadas e autopropetadoras.

Diante dessa configuração em que a identidade humana entrou em crise, os pequenos grupos se afiguram como a melhor alternativa para fazermos frente às inseguranças e carências do homem pós-moderno. Eles oferecem ambiente agradável e acolhedor onde a pessoa pode crescer espiritual e socialmente, proporcionando-lhe, também, oportunidade para um reencontro consigo mesma, com seu semelhante e com Deus. O ambiente dos pequenos grupos favorece a construção de relacionamentos sadios que levam à conversão sendo, também, o mais adequado para que a igreja faça uso pleno da força de serviço e ministério que o excedente de mulheres agora representa. ■

Referências:

- ¹ Rodney Stark, *Sociology* (Belmont: Wadsworth, 1992).
- ² Márcia Guttentag e Paul Secord, *Too Many Women?* (Beverly Hills: Sage, 1983).
- ³ Rodney Stark, *O Crescimento do Cristianismo* (São Paulo; Ed. Paulinas, 2006).
- ⁴ Roger Helland, *Ministério*, mai./jun. 2006, p. 21, 23.
- ⁵ Ellen G. White, *Review & Herald*, 09/07/1895.
- ⁶ Rodney Stark; William Sims Brainbridge *The Future of Religion* (Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1985).
- ⁷ David Bohm, *Diálogo* (São Paulo: Palas Athenas, 2005).
- ⁸ Jon Paulien, *Ministério*, nov./dez. 2006, p. 17-20.
- ⁹ Norbert Elias, *O Processo Civilizador* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993).
- ¹⁰ Zygmunt Bauman, *O Mal-Estar da Pós-Modernidade* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998).



Diretor do Ministério Jovem da Divisão Sul-Americana

Força jovem no pequeno grupo

Um projeto para envolver a juventude na missão da igreja

De acordo com Ellen G. White, “há muitos ramos em que os jovens podem aplicar seus esforços em favor de outros. Organizem-se eles em grupos para o serviço cristão, e haverá cooperação, auxílio e encorajamento” (*Educação*, p. 269).

Acaso, você alguma vez imaginou uma revolução espiritual tendo como protagonista nossa juventude? Ela representa 63% dos membros da igreja adventista na América do Sul e, às vezes, fico pensando, orando e pedindo a Deus que, em Sua infinita sabedoria, nos dê uma estratégia evangelística para desafiar e comprometer nossos jovens com a missão da igreja.

Tendo em mente esse objetivo, nos deparamos com alguns desafios modernos como, por exemplo: Como é possível usar a internet, o *youtube*, *messenger* e *orkut* de modo seguro e eficaz na pregação do evangelho? Como fazer para que nossos jovens voltem a ter interesse pela Bíblia e, conseqüentemente, a estudem diariamente? Como podemos levar cada juvenil e jovem a sentir interesse pela missão de pregar o

evangelho a um mundo altamente secularizado, individualista e hedonista, no qual tudo tem o “cheiro” de sensualidade no ar?

Estou certo de que, embora os modernos recursos da cibernética facilitem o relacionamento, mesmo que virtual, entre adolescentes e jovens, eles não podem suprir a necessidade vital de carinho e afeto que somente o contato pessoal pode satisfazer em sua totalidade. Precisamos criar ou reinventar uma rede pessoal de relacionamentos para jovens a qual podemos denominar “pequenos grupos para jovens”.

A saída

Não faz muito tempo, tive oportunidade de conversar com três líderes de pequenos grupos para jovens nas regiões nordeste e sul do Brasil: Robertson Dias, do Recife, PE, Jéssica Oliveira, de Lauro de Freitas, BA, e Cláudio Santos, de Porto Alegre, RS. Durante o diálogo, notei que, embora vivam em regiões bem distantes uma da outra, os três líderes mantêm alguns princípios em comum. Tam-

bém ficou claro que o Espírito Santo os guia, orienta e os enche de entusiasmo na formação da nossa rede de relacionamentos interpessoais para jovens, ou pequenos grupos. Vejamos, então, os princípios afins entre eles:

Paixão pelo que fazem. Para que seja funcional essa rede de relacionamentos entre os jovens da América do Sul, é imperioso contar com jovens apaixonados pela liderança de pequenos grupos. Os três líderes mencionados “respiram e transpiram” entusiasmo pelo serviço prestado à causa de Deus.

Mentalidade denominacional. Isto é, independentemente de quem seja o pastor, eles continuam amando o trabalho e a ele se dedicando, tendo em vista o progresso da missão que nos foi confiada pelo Senhor Jesus. Trabalham “a tempo e fora de tempo”. A grande motivação que os impulsiona é preparar outros jovens para servir a Cristo e ao semelhante.

Apoio pastoral. Todos eles foram unânimes em afirmar que, se o pastor da igreja ou distrito não acreditar no trabalho e apoiá-lo, participando

pessoalmente dos pequenos grupos jovens, pouco adiantará o empenho deles. Por isso, é oportuno lembrar que, como pastores, devemos apoiar integralmente o projeto, “vestir a camisa” desse movimento.

Opção pela humildade. Os líderes entrevistados revelam imensa disposição para continuar aprendendo, a fim de servir cada vez melhor à causa de Cristo. Eles querem somar, agregar valores morais, espirituais e sociais, tendo como alvo a transformação da comunidade onde vivem.

Benefícios

Enfatizando nosso lema: “Pequenos grupos, grandes bênçãos”, pedi que os três líderes entrevistados enumerassem alguns benefícios que os pequenos grupos jovens podem trazer à igreja. Foram apontados os seguintes:

Crescimento espiritual. O trabalho do pequeno grupo jovem aproxima os jovens de Deus. Isso significa crescimento da espiritualidade, porque cada jovem estreita seu relacionamento com Jesus, através do estudo temático da Bíblia. De fato, cristianismo nada mais é que uma relação íntima e profunda com Jesus. Consequentemente, há maior envolvimento nas tarefas espirituais requeridas de cada componente. Essas tarefas são elaboradas de tal modo que os jovens desenvolvem o hábito da comunhão com Deus, estudando a Bíblia e praticando a oração intercessora.

Exemplo disso é a tarefa na qual cada participante deve ter sua agenda de oração contendo nomes de pessoas pelas quais intercede durante a semana. São pessoas por cuja salvação o grupo trabalha, ou pode ser um membro do próprio grupo.

Fortalecimento fraternal. Há constante interação social e espiritual entre os jovens porque, em geral, eles parecem se sentir mais à vontade abrindo o coração para outro jovem do que para um adulto. Sua linguagem é a mesma, os interesses sociais, intelectuais e espirituais são quase os mesmos. Tal segmentação

etária é a chave para o êxito do pequeno grupo jovem.

Reavivamento do senso de missão. O pequeno grupo mantém os jovens ativos na igreja. Isso se deve ao fato de que, durante a semana, estão constantemente envolvidos nas tarefas espirituais deles requeridas. Assim, o envolvimento com a missão se torna mais fácil, o que contribui para que tenhamos igrejas vivas e ativas na comunidade de que fazem parte.

Um aspecto que não pode ser considerado é que, dos três líderes, dois têm a sexta-feira à noite como dia oficial de reuniões. A média de duração do encontro é de uma hora e meia, sendo que 50 minutos são dedicados ao estudo das Escrituras. O formato de estudos utilizados nos pequenos grupos jovens quase sempre é adaptado do modelo dos adultos. Alguns elaboram seu próprio modelo de estudo, de acordo com os interesses e necessidades das pessoas. A frequência média é de 20 jovens, dos quais três ainda não são batizados.

Acredito que, se tivermos em nossas igrejas esses pequenos grupos jovens durante a semana e de acordo com a peculiaridade de cada grupo, certamente, elas estarão repletas durante os cultos de sábado, domingo e quarta-feira.

“Não imaginem que seja possível despertar o interesse dos jovens indo à reunião missionária e pregando um longo sermão. Planejem meios pelos quais se possa despertar um vivo interesse. Cada semana, os jovens devem levar seus relatórios, contando o que têm tentado fazer pelo Salvador, e o êxito obtido. Se as reuniões missionárias fossem uma ocasião para apresentar esses relatórios, não se tornariam desinteressantes, monótonas nem enfadonhas. Seriam cheias de atrativos, e não haveria falta de assistência” (Ellen G. White, *Serviço Cristão*, p. 212).

Pastoreio mútuo. No pequeno grupo jovem, o problema de um componente se torna problema de todos. A isso chamamos empatia, amor fraternal, interesse pelo outro.

Essa era a essência do *modus operandi* da igreja cristã primitiva. “Todos os que creram estavam juntos e tinham tudo em comum. Vendiam as suas propriedades e bens, distribuindo o produto entre todos, à medida que alguém tinha necessidade” (At 2:44, 45). Essa igreja amorosa, generosa e simpática também podia ser chamada de “a igreja do amor”, do socorro mútuo, ou a igreja em que “nenhum necessitado havia, porquanto os que possuíam terras ou casas, vendendo-as, traziam os valores correspondentes e depositavam aos pés dos apóstolos; então, se distribuía a qualquer um à medida que alguém tinha necessidade” (At 4:34, 35).

Formação de novos líderes. Aos benefícios enumerados até aqui, podemos acrescentar o automático estabelecimento de uma escola prática e econômica de formação de líderes jovens. Cada jovem terá sua responsabilidade na igreja. Assim, fica bem mais fácil pastorear o distrito.

“Jovens de ambos os sexos, não podem vocês se organizar em grupos e, como soldados de Cristo, se alistarem na obra, pondo todo o seu tato, sua habilidade e talento no serviço do Mestre, a fim de poder salvar pessoas da ruína? Que em toda a igreja haja grupos organizados para fazer essa obra. ... Não quererão os jovens que realmente amam a Jesus organizar-se como obreiros, não somente em favor daqueles que professam ser observadores do sábado, mas também dos que não pertencem à nossa fé?” (Ibid., p. 34).

Juntos, desafiemos cada jovem que ainda não esteja envolvido em um pequeno grupo a se envolver nesse projeto. Não temos tempo a perder. Iniciemos pelo treinamento constante de novos líderes para pequenos grupos jovens. Depois, forneçamos-lhes material específico, de acordo com as necessidades e interesses peculiares. Em seguida, vamos acompanhá-los passo a passo, decisão por decisão, lição por lição. Quanto aos resultados, deixemo-los com Deus. Certamente, serão abundantes. ▀



Fortalecendo a base

Uma estratégia que garante a manutenção e o crescimento dos pequenos grupos

Antes de apresentar um plano para a implantação e funcionamento dos pequenos grupos em nosso território, faz-se necessário deixar claros dois fundamentos. O primeiro deles é a visão dos pequenos grupos na Divisão Sul-Americana: “Que os pequenos grupos sejam a estrutura espiritual e relacional básica da igreja e das ações relacionadas ao pastoreio, discipulado, e a participação dos membros, de acordo com seus dons espirituais no cumprimento da missão; constituindo-se em um estilo de vida de cada adventista do sétimo dia e que os departamentos da igreja e seus programas sejam facilitadores no desenvolvimento dos pequenos grupos e que estes sejam o veículo adequado do programa da igreja”.¹

Essa declaração nos desafia a fazer do pequeno grupo a base para o atendimento da igreja nos aspectos espiritual, relacional e missionário. Ele não deve ser apenas um programa

e sim o estilo de vida dos membros e a estrutura através da qual o pastor atenda e discipule seu rebanho.

O segundo fundamento tem que ver com a compreensão da igreja quanto ao propósito de sua existência. “A Igreja de Cristo foi organizada com fins missionários”.² Por isso, Russel Burrill diz que, antes da implantação dos pequenos grupos duas coisas devem ocorrer na Igreja: redescobrir a paixão evangelística e sentir necessidade de salvar pessoas. Também deve compreender a verdade bíblica de que todos os crentes são ministros e que o pastor é o orientador e capacitador deles para o ministério.³

Isso significa que o pequeno grupo não é um fim em si mesmo, mas o meio estabelecido por Deus para nos levar ao fim desejável que é a maturidade espiritual de cada crente e a salvação de pessoas através do testemunho e da pregação do evangelho. Sem a visão clara de um ministério

individual e sem o intenso desejo de salvar pecadores, os membros não estarão dispostos a se comprometer com os pequenos grupos.

Passo a passo

Aqui estão os passos sugeridos para a implantação e consolidação dos pequenos grupos de acordo com o fórum de pequenos grupos:⁴

Considerando que todo processo de mudança é difícil e desafiador, e que mudanças demandam tempo, esforço e muita determinação; considerando a presente visão com respeito aos pequenos grupos, propomos:

Que a igreja em todos os seus níveis, a partir da igreja local, priorize a implantação e consolidação dos pequenos grupos no seu plano de trabalho.

Precisamos implantar gradual e sistematicamente em todos os níveis da igreja os pequenos grupos e criar mecanismos para fortalecê-los cada vez mais. Isso inclui preparo de materiais, treinamentos e o compromisso

individual de cada pastor e líder da igreja, para alcançar o ideal de uma igreja em pequenos grupos.

Que o processo de mudança seja gradual e progressivo.

A mudança de visão deve preceder a mudança de comportamento, por isso, não podemos implantar os pequenos grupos “por atacado”. O processo requer tempo e uma estratégia gradual e progressiva. Primeiramente, o pastor deve incorporar a visão e, depois, transmiti-la aos líderes da igreja e líderes em potencial de pequenos grupos. A transição deve ocorrer de igreja em igreja.

Que os pastores trabalhem com o plano de implementação e consolidação através de pequenos grupos protótipos.

O sistema de pequeno grupo protótipo (modelo) tem se mostrado o mais eficaz no processo de implementação e consolidação de pequenos grupos. O pastor forma um pequeno grupo com os potenciais líderes, neles implanta a visão e, ao mesmo tempo, ensina pela teoria e prática como eles devem liderar um pequeno grupo. Depois, esses líderes iniciam seu próprio pequeno grupo, seguindo o modelo apresentado pelo pastor.

Que a igreja mantenha a visão permanente de uma igreja em pequenos grupos, através de fóruns, festivais, retiros espirituais, materiais e testemunhos.

Para que os pequenos grupos sejam consolidados, a visão deve ser sempre realimentada. Daí, a necessidade de manter um cronograma de atividades e materiais que fortaleçam o processo. Na DSA, temos produzido livros sobre o assunto. Também temos mantido fóruns e outras reuniões com a liderança da Igreja no continente. As Uniãos e Campos também têm buscado manter e ampliar a “visão” no dia-a-dia da igreja.

Que haja um esforço intencional e constante na busca pela multiplicação dos pequenos grupos.

O melhor caminho para aumentar o número de pequenos grupos

e envolver toda a igreja é através da multiplicação dos que já estão consolidados. Para isso, o grupo deve estar preparado para se multiplicar, o que envolve um bom projeto missionário e investimento na formação de novos líderes.

Resultados práticos

Este é o terceiro ano desde que a Associação Sul-Rio-grandense iniciou uma nova fase no projeto de pequenos grupos. Segundo o pastor Herbert Boger, diretor de Ministério Pessoal, tudo começou com os chamados pequenos grupos de pastores, um protótipo formado por pastores desejosos de entrar no processo.

Inicialmente, realizava-se uma reunião semanal com material apropriado para a mudança de valores e para que eles próprios pudessem experimentar os benefícios práticos da vivência em um pequeno grupo. Depois de três meses, o encontro se tornou quinzenal. Simultaneamente, os pastores faziam o mesmo com líderes em suas igrejas, escolhidos pelo pastor, recomendados pela comissão e aceitos por votação pela igreja. Durante os três meses do funcionamento do pequeno grupo protótipo com os líderes, o pastor visitava mensalmente cada líder com o objetivo de ajudá-lo a se preparar em âmbito espiritual, familiar e na capacidade de liderança. Entre um e três meses depois, conforme os líderes iam se sentindo seguros, eles passavam a liderar seus próprios grupos. O projeto foi planejado para quatro anos e cada pastor busca implantar os pequenos grupos em duas igrejas por semestre. A manutenção é feita através de reuniões regulares e retiros espirituais com líderes.

Atualmente, o Campo tem 1.030 pequenos grupos, dos quais 840 realizaram evangelismo na semana santa. A média de um grupo para cada 25 membros é uma das melhores em nosso território. No ano passado, foram batizadas 2.200 pessoas na Associação, sendo a maioria fruto do trabalho dos grupos.

Experiência bem-sucedida também se repete em outras regiões da América do Sul. Diz o pastor Marcos Nunes, da Associação Planalto Central: “É o método mais funcional de continuação de pequenos grupos que já experimentei”, e acrescenta: “É assim que transfiro a visão e valores para os líderes. Em meu ministério, pequenos grupos têm sido facilitadores da comunhão, missão e vida em comunidade”.

Carlos Fernandez, que pastorea o distrito de Villa Mitre, no Sul da Argentina, reúne quinzenalmente seus líderes, e diz que aqueles “que assistem às reuniões, são os que realizam o melhor trabalho”. Metade dos membros do distrito está envolvida em pequenos grupos. Bill Quispe, diretor de Ministério Pessoal na Missão do Oriente Peruano, concorda: “A estratégia de implantação e manutenção dos pequenos grupos se baseia no grupo protótipo com os futuros líderes e, depois, na reunião mensal com eles”.

Portanto, a estratégia eficaz de implantação e consolidação de pequenos grupos envolve um processo que inclui o pequeno grupo protótipo, seguido de reuniões regulares com os líderes, e a constante alimentação da visão através de retiros, festivais e grandes encontros. O estudo regular de livros relacionados ao assunto é primordial, além de testemunhos de pessoas que estão vivendo a experiência. Também é fundamental levar a igreja a uma experiência de “Comunhão e Missão” cada vez mais profunda, o que preparará os membros para aceitar os desafios de fazer do pequeno grupo um estilo pessoal de vida. O resultado será a multiplicação de pequenos grupos e o decorrente preparo para a volta de Jesus! ■

Referências:

¹ Declaração de visão elaborada no 2º Fórum de Pequenos Grupos da Divisão Sul-Americana, realizado em Brasília, 02 a 05/11/2008, e votada pela Comissão Diretiva da DSA.

² Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos*, p. 464.

³ Russell Burrill, *Como Reavivar a Igreja do Século 21*, p. 160.

⁴ 2º Fórum de Pequenos Grupos da Divisão Sul-Americana, Brasília, 02 a 05/11/2008.

Secretário ministerial da
Divisão Sul-Americana

O imperativo da missão

A estrutura, o ambiente e o programa dos pequenos grupos facilitam a tarefa de fazer discípulos

Assim está escrito, em Mateus 28:18-20: “Jesus, aproximando-Se, falou-lhes, dizendo: Toda a autoridade Me foi dada no Céu e na Terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século.”

Fazer discípulos é o centro da incumbência missionária, estabelecida no imperativo e com sentido de urgência. Os vocábulos traduzidos como “ide”, “batizando-os” e “ensinando-os” mostram ações progressivas, dependentes e simultâneas com a ação do verbo principal: “fazer” relacionada a discípulos.

Para Mateus, o discipulado é um conceito-chave. Johnsson¹ afirma que o evangelista não está interessado em registrar apenas a ação dos doze, porém, sobretudo em definir

o que é ser discípulo de Jesus Cristo. Os doze são um meio utilizado por Cristo para explicar o discipulado, porque discípulos são todos os que seguem o ensino do Mestre.

Ação pontual

Ao reencontrar-Se com os discípulos, depois da ressurreição, investido de “toda a autoridade... no Céu e na Terra”, Jesus Cristo apresentou a comissão evangélica segundo a qual os discípulos deviam ir e fazer discípulos, batizá-los e ensiná-los a observar todas as coisas que lhes foram recomendadas. Junto à comissão, o Mestre prometeu estar com os discípulos todos os dias, até o fim.

Os participios verbais utilizados no texto adquirem sentido imperativo, porque o verbo principal é imperativo. Assim, “ide”, “batizar” e “ensinar” estão subordinados ao verbo central da oração: “fazer” discípulos. O mandato “fazei discípulos” é o centro da missão.

O modo imperativo indica ordem expressa com força, autoridade e com sentido de urgência, que inclui o consentimento da pessoa que recebeu o mandato. O modo verbal imperativo aoristo (no grego, tempo verbal combinável com o tempo e o modo, que indica ação pontual) denota uma ação que deve ser empreendida imediatamente, expressa em tom vigoroso de ordem. Por essa razão, os antigos gregos nunca empregavam o imperativo na comunicação com seus superiores. Geralmente, era utilizado em decretos reais ou em cartas a subordinados.

No início de Seu ministério, Jesus Cristo tinha recomendado a Seus discípulos a missão de pregar ao povo judeu. E não somente lhes deu instruções (Mt 10:5, 6; 9-14), mas também autoridade para cumprir a tarefa (Mt 10:1, 2; 7, 8). Depois da ressurreição, com toda a autoridade que Lhe fora conferida no Céu e na Terra, Jesus Cristo deu uma comissão imperativa aos discípulos: “Fazam discípulos de todas as nações”.

Discipular

Segundo a expressão de Nicoll,² o poder de Deus foi manifestado no Calvário e na sepultura, vencendo o pecado e a morte. A partir dessa instância, o evangelho podia e devia ser pregado; os discípulos deviam ir a todo o mundo e mostrar a realidade desse poder; deviam fazer discípulos em todas as nações.

Discípulo é alguém que estabelece relação pessoal com o Mestre, ou seja, relação de dependência, encontro, aprendizado e crescimento. Gomá³ informa que fazer discípulos é transmitir essa experiência de tal modo que a outra pessoa estabeleça a mesma relação.

O batismo e o ensino são partes do mesmo processo e estão subordinados ao verbo principal: “fazer” discípulos. O ensino é um processo contínuo, não apenas em função da preparação doutrinária para o batismo. Ela precede e prossegue ao batismo, com o objetivo de capacitar o discípulo para andar dignamente em sua vocação.

“Fazer discípulos” é mostrar Jesus Cristo como Mestre e Senhor a uma pessoa, para que esta O conheça, O aceite e decida segui-Lo. Ser discípulo é viver seguindo o Mestre e fazendo mais discípulos, segundo Eims.⁴ Na opinião de Kuhne,⁵ a missão é fazer discípulos; a ordem não é fazer cristãos que simplesmente aderem a um sistema ou credo, mas discípulos. O mandato não é somente: “vão”, mas: “façam” discípulos em todas as nações, segundo Stagg.⁶

Proclamar, batizar, ensinar e testemunhar são aspectos da comissão de fazer discípulos. A missão não estará cumprida, a menos que a desempenhemos integralmente. O trabalho mais importante da igreja é o cumprimento da obrigação evangélica. Esse encargo nada mais é que o trabalho de fazer discípulos, de acordo com Green.⁷

Gerber⁸ define que a missão não termina quando chegamos às pessoas com a proclamação. Muito menos é finalizada com o ensino, a profissão pública de fé no evangelho nem com

a integração dos convertidos à igreja, por meio do batismo. A meta da grande comissão é atingida somente quando os novos crentes se tornam cristãos responsáveis e reprodutivos, completando o ciclo e garantindo o processo contínuo de evangelismo e crescimento. O objetivo é gerar cristãos e congregações responsáveis e reprodutivos.

Em sua tese doutoral, Beach⁹ conclui que a igreja sistematiza sua estratégia, considerando que cada crente é chamado a ter parte na tarefa de testemunhar ao mundo, já que todo membro da igreja tem a responsabilidade de cumprir a divina comissão. Por sua vez, Beach⁹ enfatiza que a todos os que aceitam Cristo como Salvador pessoal é ordenado trabalhar pela salvação de seus semelhantes, em obediência à ordem de Cristo.

Cada verdadeiro discípulo que nasce para o reino de Deus, nasce como missionário. Que privilégio! Que responsabilidade! Cada um de nós, sendo um discípulo missionário para fazer mais discípulos. Esse é nosso mandato; essa é a missão da igreja; ambos originados na ordem d'Aquele que tem “toda a autoridade no Céu e na Terra”. Graças a Deus, o imperativo divino está acompanhado de uma grande promessa: “E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século.”

Os pequenos grupos

Ao longo de toda a Escritura é possível perceber com clareza o modo como os pequenos grupos formam parte integral do plano de Deus, no cumprimento da grande comissão. Há quem afirme que a unidade familiar estabelecida no Éden foi o primeiro e mais importante pequeno grupo. Depois do Êxodo, por meio de Jetro, Deus fez chegar a Moisés a orientação de que ele devia organizar toda a nação em grupos de dez, não apenas para organizar melhor o trabalho, mas também para facilitar o acesso do povo a Deus (Êx 18:23).

Jesus investiu muito tempo no desenvolvimento de Seu pequeno

grupo de doze pessoas (Mc 1:13-15; Lc 6:12, 13). A igreja do Novo Testamento se revela como uma comunidade em pequenos grupos, com reuniões em sinagogas e em casas, diariamente (At 1:41-47).

O principal objetivo do pequeno grupo é fazer discípulos. O ambiente, a estrutura e o programa dos pequenos grupos constituem o lugar ideal para se cumprir a missão de fazer discípulos. Esse ambiente provê diversos recursos que fomentam o processo do discipulado: companheirismo, amizade, informalidade, participação, integração, interação, confraternidade, apoio mútuo, além de espaço para que cada um se sinta à vontade para descobrir e utilizar seus dons.

A estrutura do pequeno grupo também fortalece o processo do discipulado. Reuniões semanais com poucas pessoas em casas de famílias permitem fomentar e fortalecer vínculos, dando lugar a cada membro e ajudando em seu crescimento pessoal, social e espiritual.

O programa do pequeno grupo colabora na formação do discípulo. Esse programa inclui louvor, momentos de oração e estudo sistemático da Bíblia. Os momentos de testemunho, treinamento e capacitação nutrem, motivam, mobilizam e conduzem o crente ao cumprimento da missão. O pequeno grupo também é o meio ideal para levar interessados ao conhecimento de Cristo, do ensinamento bíblico, ao batismo e, finalmente, ao compromisso missionário de fazer discípulos. ■

Referências:

¹ William G. Johnsson, *Religious in Oversalls*, p. 37.

² W. Robertson Nicoll, *The Expositors Greek Testament*, v. 4.

³ Isidro Gomá Civit, *El Evangelio Según San Mateo*, 2 v.

⁴ Leroy Eims, *The Lost Art of Disciple Making* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1978).

⁵ Gary Kuhne, *La Dinâmica de Adiestrar Discípulos* (Caparra: Terrace, 1980).

⁶ Frank Stagg, *Teología del Nuevo Testamento* (La Aso), p. 266.

⁷ Michael Green, *La Evangelización em la Iglesia Primitiva*, v. 6.

⁸ Borges Schantz, *The Development of Seventh-Day Adventist Missionary Thought*, p. 753.

⁹ Walter Beach, *Review and Herald*, 1985.



Professor no Seminário Teológico da Universidade Adventista da Argentina

Uma teologia de pequenos grupos



Nos agrupamentos de crentes do Antigo e Novo Testamentos encontra-se o modelo de igreja para o século 21

O estilo de vida em grupo surgiu com a divindade, continuou com a família humana e se estende pelas Escrituras, como forma prática de cumprir a missão de Deus para o mundo. No Antigo Testamento, encontramos exemplos que ilustram esse estilo de vida do povo de Deus. O modelo divino do lar devia crescer e se multiplicar: “Também disse Deus: Façamos o homem à Nossa imagem... Criou Deus, pois, o homem à Sua imagem, à imagem

de Deus o criou; homem e mulher os criou. E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a Terra...” (Gn 1:26-28).

Toda ação divina para com o homem teve início com o Deus Pai, Filho e Espírito Santo (Gn 1:1, 2; Cl 1:16). A origem divina da humanidade foi a Trindade e a origem humana da humanidade foi a família. Podemos dizer que “a família humana” foi criada à imagem da “família divina”, para encher a Terra.

“O Jardim do Éden era uma representação do que Deus desejava se tornasse a Terra toda; e era Seu intuito que, à medida que a família humana se tornasse mais numerosa, estabelecesse outros lares e escolas semelhantes à que Ele havia dado. Dessa maneira, com o correr do tempo, a Terra toda seria ocupada com lares e escolas em que as palavras e obras de Deus seriam estudadas e onde os estudantes mais e mais ficariam em condições de refletir

pelos séculos sem fim a luz do conhecimento de Sua glória.”¹

A família de Adão e Eva devia crescer e se multiplicar, assim como a família de Noé (Gn 9:1). “Frutificar e multiplicar-se chegou a ser uma fórmula usual de bênção.”² O remanescente devia crescer e se multiplicar (Jr 23:3). A Septuaginta, versão grega do Antigo Testamento, usa os termos *auxanw* e *pletino* para “crescer e multiplicar-se”, os mesmos que são utilizados no Novo Testamento.

A missão dada a Abraão (Gn 12:3; 18:18; 22:18) e repetida a Isaque (Gn 26:4) e Jacó (Gn 28:14) consistia em abençoar todos os clãs, pequenos e grandes, da Terra. Abraão devia abençoar sua pequena família (filhos) e a todo o seu clã (sua casa) (Gn 18:19). “Aquele que vê a educação dada em cada lar, e que mede a influência dessa educação, disse: ‘Porque Eu o escolhi para que ordene a seus filhos e a sua casa depois dele, para que guardem o caminho do Senhor, para agirem com justiça e juízo’.”³ E todo o seu clã devia ser uma bênção para as etnias de Canaã, cuja maldade ainda não havia chegado ao cúmulo (Gn 14:15, 16). Por isso, Abraão intercedeu pelas etnias de Sodoma e Gomorra.

O modelo de Jetro

A igreja do deserto tinha dois problemas que foram resolvidos com a divisão em grupos: 1) insatisfação e esgotamento de Moisés; e 2) falso apoio do povo em seu líder humano. Era uma congregação de 603.550 homens (Êx 38:26), além de mulheres e crianças, que necessitavam de cuidado. Para isso, todo o povo estava dividido em doze tribos com seus chefes. O conselho de Jetro avançou mais um passo: a divisão das tribos em famílias (*mishpahot*). Uma *mishpaha* “é um grupo social menor que uma tribo e maior que uma família”.⁴ O conselho de Jetro fez com que essa divisão de famílias ou clãs fosse agregada, tendo como líderes chefes de centenas e milhares. E também que esses fossem divididos em “casas”,

lideradas por chefes de cinquenta e de dez (Êx 18:21, 25).

Jetro não impôs o plano a Moisés; apenas humildemente o sugeriu com divina convicção (Êx 18:23). Também com humildade, Moisés colocou em prática o princípio sugerido por Jetro, tão logo Deus lhe entregou os mandamentos no Sinai e lhe confirmou o plano (Dt 1:9-18). Segundo o *Comentário Bíblico Adventista del Séptimo Dia*, o povo tinha um sistema de organização; porém, o plano detalhado veio depois do Sinai.⁵

“O Senhor havia honrado a Moisés grandemente, e operara prodígios pela sua mão; mas o fato de que fora escolhido para instruir a outros não o levou a concluir que ele próprio não necessitava de instrução. O escolhido dirigente de Israel ouviu alegremente as sugestões do piedoso sacerdote de Midiã, e adotou-lhe o plano como uma sábia disposição.”⁶

Creio que a humildade do povo de Deus no século 21 pode colaborar com Ele no resgate do estilo de vida dos grupos familiares a fim de cumprir a missão.

Benefícios das células

A função de Moisés era orar, ensinar, treinar, liderar, escolher bons líderes e atender os maiores problemas (Êx 18:19, 20). O poder judicial era delegado (Êx 18:21, 22), e o poder executivo geral era mantido por Moisés, porém delegando os assuntos menores aos chefes de grupos (Êx 18:26).⁷ O segredo residia na escolha de líderes consagrados. Sempre que um líder caía, também se desmoronava um clã familiar. Tal foi o caso de Coré, Datã e Abirão (Nm 16). Moisés teve que escolher aproximadamente 78.600 líderes, “homens capazes, tementes a Deus, homens de verdade, que aborrecam a avareza” (Êx 18:21).

Muitos começaram a usar seus dons e foram beneficiados. As necessidades do povo eram imediatamente satisfeitas. Antes, apenas Moisés atendia ocasionalmente o povo (Êx 18:13). Depois, muitos líderes o fa-

ziam durante todo o tempo (Êx 18:22, 23). Esse é um princípio de crescimento aplicado por Jesus.⁸ Moisés aliviou sua carga, melhorou a saúde e ampliou seu raio de ação (Êx 18:22). Tinha mais tempo para sua principal função de orar, treinar e liderar. Dessa forma, o povo chegou “em paz ao seu lugar” em Canaã (Êx 18:23).

O modelo divino sugerido a Moisés por Jetro é o mesmo adotado pela Igreja Adventista como base de sua organização. Portanto, no século 21, ainda deve continuar sendo a base para que ela possa cumprir sua missão.

“O governo de Israel caracterizou-se pela organização mais completa, maravilhosa tanto pelo seu acabamento como pela sua simplicidade... Moisés desempenhava o papel de seu chefe visível, em virtude de indicação divina, a fim de administrar as leis em Seu nome. Dos anciãos das tribos foi mais tarde escolhido um concílio de setenta, para auxiliar Moisés nos negócios gerais da nação. Vinham em seguida os sacerdotes, que consultavam o Senhor no santuário. Chefes ou príncipes governavam as tribos. Abaixo destes estavam os capitães de milhares, capitães de cem, capitães de cinquenta, e capitães de dez; e, por último, oficiais que poderiam ser empregados no desempenho de deveres especiais.”⁹

Restaurando muros

Neemias usou grupos familiares como solução para enfrentar a hostilidade dos inimigos de Deus, como Sambalate, Tobias e Gesém (Ne 2:19). Esses ameaçavam desviá-lo da missão de construir o muro de Jerusalém. O capítulo 3 do livro de Neemias honra os líderes anônimos da missão. O propósito desse capítulo é “registrar o nome daqueles que nobremente se distinguiram nesta importante ocasião, sacrificaram sua comodidade pelo dever e se expuseram à ameaça de um ataque hostil”.¹⁰

O trabalho tinha sido dividido entre famílias e outros grupos. Alguns dos 41 grupos que atuaram foram os seguintes: Os sacerdotes; os homens

de Jericó; os filhos de Hassenaá. Os tecoitás que restauraram dois trechos, apesar de não contarem com o apoio de seus líderes e de ser uma pequena aldeia; os homens de Gibeom e Mispá; o grupo de Salum e suas filhas nos lembra a importância da mulher na missão em células. O grupo de Hanum com os moradores de Zanoa, que restauraram um trecho maior; os levitas e o grupo de Hasabias, governador da metade de Queila, com seus irmãos (Ne 3:1-18).

Baruque e seu grupo “com grande ardor” restauraram pelo menos dois trechos. Sete grupos se destacaram fazendo mais um trecho adicional. Um grupo de sacerdotes, os vizinhos de “Benjamim e Hassube” e os serventes que habitavam em Ofel. Esse grupo restaurou o muro do norte da colina (Ne 3:11-26). Vários grupos familiares restauraram “defronte de sua casa”. Eles reedificaram o muro de proteção de seus lares.¹¹ À medida que cada família restaurava “defronte de sua morada”, todo o muro de Jerusalém era restaurado.

Também havia o grupo dos ourives, os mercadores (Ne 3:32) e outros que não pertenciam a famílias conhecidas, mas que fizeram sua parte. Isso contrastou com as classes altas de Tecoa que, passivamente, se opuseram ao projeto.¹² Os grupos trabalharam unidos (Ne 3:2, 4, 5, 7-12, 16-31). Como reparadora de brechas (Is 58:12), a igreja cumprirá, com êxito, sua missão, apenas quando cada família e célula atuarem unidas “defronte de sua casa” ou em seus respectivos raios de influência.

Sinagogas e escolas

A sinagoga é mencionada somente uma vez no Antigo Testamento (Sl 74:8). O vocábulo grego *sunagogh* significa “lugar de reunião”.¹³ As sinagogas nasceram e floresceram durante o exílio babilônico e depois dele.¹⁴ “Devia-se estabelecer uma sinagoga quando houvesse dez homens adultos, e esses dez se tornavam seus primeiros dirigentes.”¹⁵ Era uma organização pequena, “dirigida por leigos

judeus”,¹⁶ para suprir a deterioração do lar e manter a religião, a cultura e a identidade israelita. Em muitas sinagogas funcionavam escolas para leitura e explicação das Escrituras, exortação e oração.¹⁷

“A igreja cumprirá sua missão, com êxito, apenas quando cada família e célula atuarem unidas”

Jesus frequentava a sinagoga (Lc 4:15) e estabeleceu uma estratégia missiológica de ir primeiro aos judeus e depois aos gentios (Mt 10:5, 6), usando cidades e casas (Mt 10:11, 12). Saulo perseguia cristãos em cada cidade, casa e sinagoga (At 8:3; 9:2). Após sua conversão, seguiu a mesma estratégia de Jesus, pregando em sinagogas e cidades, para alcançar primeiro os judeus, “tementes a Deus” e “prosélitos judeus”,¹⁸ evangelizá-los e, através deles, chegar a outras etnias (At 13:5; 14:1; 17:1-4). Paulo foi o apóstolo aos gentios (Gl 2:7, 8).¹⁹ Enquanto se levantava a perseguição, ele continuava a missão em casas judaicas ou gentias (At 18:7, 8). Assim, em cidades e casas, plantou o evangelho em grande parte do Império: “Desde Jerusalém e circunvizinhanças até ao Ilírico, tenho divulgado o evangelho de Cristo” (Rm 15:19), disse ele.²⁰

No Novo Testamento

Assim como a vida no Éden começou com uma família criada à imagem de Deus (Gn 5:1, 2), Cristo entrou no mundo como homem (Rm 8:3). Ele foi Emmanuel, “Deus conosco” (Mt 1:21, 23; Lc 2:1-7). Um lar foi o início de tudo, no Antigo e Novo Testamentos, e isso realça a importância dos grupos familiares.

Muitas vezes, Cristo é mencionado entrando nas casas (Mt 13:36; 17:25-27; Mc 9:12, 33-37; Lc 7:36). Em casa, os discípulos dirimiam suas dúvidas livres das tensões da grande multidão, reunidos em grupo. Seten-

ta deles foram enviados a trabalhar de dois em dois (Lc 10:1-20). Doze apóstolos constituíram o grupo a partir do qual Jesus evangelizaria o mundo (Mc 10:10-12; Mt 28:18-20).

Os doze apóstolos eram todos judeus que falavam aramaico e foram criados na Galileia (At 1:11; 2:7).²¹ Falavam com um sotaque especial, de modo que foi dito sobre Pedro: “o teu modo de falar te denuncia” (Mt 26:73).

Ele e João foram classificados pelo Sinédrio como “iletrados e incultos” (At 4:13). A estratégia de Jesus era começar pelos mais receptivos que esperavam o Messias e que, espontaneamente, divulgariam a notícia: “Achamos o Messias” (Jo 1:41), a seus familiares, amigos e vizinhos. A missão tinha como alvo, primeiramente, “as ovelhas perdidas da casa de Israel”; depois, os gentios (Mt 10:5, 6). Quando o ex-endemoinhado gadareno quis unir-se ao grupo galileu, “Jesus, porém, não lho permitiu”, mas indicou a estratégia: “Vai para tua casa, para os teus. Anuncia-lhes tudo o que o Senhor te fez” (Mc 5:19). O cristianismo começou como uma seita judaica que, valendo-se dos ouvintes receptivos, penetrou o Império Romano.

Os discípulos se tornaram o pequeno grupo de Jesus, para compartilhar o evangelho. No cenáculo de uma casa em Jerusalém, com um grupo de oração, teve início a igreja primitiva (At 1:13). Os três mil novos conversos perseveravam na mensagem de Cristo, “no templo” e “de casa em casa”. “Enquanto isso, acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos” (At 2:46, 47). Ministrando no templo e nas casas, encheram Jerusalém com a doutrina (At 5:28, 42). Com os doze pregando a palavra e orando, e os diáconos servindo as mesas, a igreja avançou (At 6:7). “A organização da igreja em Jerusalém deveria servir de modelo para a organização de igrejas em todos os outros lugares em que

mensageiros da verdade conquistam conversos ao evangelho.”²²

“Os primeiros cristãos se reuniam em casas de família. Não havia templos até o fim do segundo século.”²³ Isso é demonstrado em várias referências bíblicas, nas quais a frase “a igreja que está em tua casa” é repetida quatro vezes (Rm 16:5; 1Co 16:19; Cl 4:15; Fm 1, 2). Paulo chama de “cooperadores” seus auxiliares que trabalhavam com igrejas em casas (Rm 16:3; Fm 1). A palavra grega para “colaborador” é *sunergon*. O ministério dos colaboradores, nas igrejas-casas, produzia “sinergia” de forças. “Todos os que se empenham em servir são a mão auxiliadora de Deus. São coobreiros dos anjos; ou antes, são o poder humano por meio do qual os anjos cumprem sua missão.”²⁴ Os anfitriões dos pequenos grupos foram heróis anônimos do cristianismo primitivo. Sua missão de alto risco para a própria família foi crucial para a igreja.

A igreja na casa de Áquila e Priscila foi um dos lugares em que se reuniam “todos” os cristãos de Roma (Rm 1:7). Possivelmente, nesse lar se reunia parte da nobreza romana. A mobilidade dos recursos de Áquila e Priscila lhes permitiu patrocinar “igrejas domésticas” em vários lugares como Corinto, Éfeso e Roma.²⁵ “Os crentes de Roma podem ter tido vários lugares como este, para se reunirem.”²⁶

Paulo era defensor da *koinonia*, especialmente entre gentios e judeus. Em Romanos 15:16, o termo “coleta” (oferta recolhida entre os gentios para as igrejas da Macedônia) é originalmente *koinonia*. Além disso, tinha o costume de enviar saudações aos líderes das igrejas-casas em diversas cidades. Como Neemias, ele reconhecia os heróis anônimos da missão, especialmente os das casas (Rm 16:10, 11, 14, 15). “Provavelmente, alguns grupos locais fossem formados por judeus cristãos e outros por cristãos gentios. Talvez, houvesse poucos, ou nenhum, em que judeus e gentios estivessem juntos. .. Não é de surpreender se alguns grupos tivessem sido chamados

‘sinagogas’, enquanto outros eram designados ‘ekklesias’.”²⁷

A igreja de Roma e outras mencionadas no Novo Testamento se referem a toda a comunidade heterogênea de cristãos agrupados em igrejas-casas homogêneas, especialmente dos dois grandes ramos étnicos: judeus e gentios.²⁸ René Padilha, crítico do princípio das unidades homogêneas, reconhece que a igreja de Roma “ao que parece, estava dividida em vários grupos separados, alguns dos quais podem ter sido constituídos por pessoas representativas das várias unidades homogêneas presentes na sociedade.”²⁹

Em Corinto, os judeus rejeitaram o evangelho pregado por Paulo e ele teve que ir à “casa de um homem chamado Tício Justo, que era temente a Deus; a casa era contígua à sinagoga. Mas Crispo, o principal da sinagoga, creu no Senhor, com toda a sua casa” (At 18:7, 8). É possível que as casas de Justo e Crispo também fossem igrejas. A família de Estéfnas, “primícias da Acaia” (1Co 16:15), foi uma das poucas famílias batizadas por Paulo (1Co 1:16). O apóstolo pediu aos coríntios que se sujeitassem à liderança dessa família, porque ela se dedicou “ao serviço dos santos”. Segundo Gordon Fee, “é possível que a casa de Estéfnas também tenha servido como lugar de reunião”.³⁰ A importância atribuída por Paulo aos que trabalhavam liderando igrejas-casas e o contexto bíblico (Rm 16:19; 1Co 16) confirmam a possibilidade indicada por Fee. Paulo ficou em Corinto durante um ano e meio (At 18:4-11), dando origem “à igreja de Deus que está em Corinto” (1Co 1:2), seguramente agrupada em casas como as de Áquila e Priscila, Gaio, Febe, Justo, Crispo e Estéfnas.

Com frequência, toda a igreja se reunia em um só lugar (1Co 11:20; 14:23). Parece que, na maioria das vezes, o fazia na casa de Gaio (Rm 16:23). Gordon Fee comenta que essa assembleia em comum contrastava com as “múltiplas reuniões em diversas igrejas-casas”, e “dá a entender

que, às vezes, todos os crentes pertencentes a todas as igrejas-casas se reuniam”.³¹ Então, podemos concluir que essa reunião de cristãos e simpaticizantes em Corinto era menor do que imaginamos; ou algumas casas, como a de Gaio, eram maiores que o tamanho das casas descobertas por arqueólogos, em Corinto.

Seja como for, o fato mais importante é que o século 21 necessita desta igreja: amorosa, em grupos familiares que tenha o sentimento da igreja primitiva e, principalmente, o sentimento de Cristo. Pelo Espírito Santo, a igreja de Jerusalém conseguiu isso e explodiu em multidões que o Senhor lhe acrescentava. Essa é a igreja que, hoje, todos nós queremos recuperar. ▀

Referências:

- 1 Ellen G. White, *Educação*, p. 22.
- 2 Francis D. Nichol, *El Comentario Bíblico Adventista del Séptimo Día*, v. 1, p. 226.
- 3 Ellen G. White, *Orientação da Criança*, p. 18.
- 4 Richard Showalter, *International Journal of Frontier Missions*, v. 1, n° 2, 1984, p. 123-126.
- 5 Francis D. Nichol, *Op. Cit.*, p. 602, 603.
- 6 Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, p. 301.
- 7 Francis D. Nichol, *Op. Cit.*, p. 601.
- 8 Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, p. 102.
- 9 _____, *Patriarcas e Profetas*, p. 374.
- 10 Francis D. Nichol, *Op. Cit.*, v. 3, p. 403.
- 11 *Ibid.*, p. 405.
- 12 *Ibid.*, p. 404.
- 13 Antonin De la Brosse, Mary Henry e Philippe Ravillard, *Diccionario del Cristiano* (Barcelona: Editorial Herder, 1972), p. 707.
- 14 Siegfried Horn, *Diccionario Adventista del Séptimo Día* (Buenos Aires, AR: Aces, 1979), p. 1101.
- 15 Francis D. Nichol, *Op. Cit.*, p. 58.
- 16 Siegfried Horn, *Op. Cit.*, p. 1001.
- 17 Francis D. Nichol, *Op. Cit.*, p. 58.
- 18 Siegfried Horn, *Op. Cit.*, p. 954.
- 19 *Ibid.*, p. 954, 955.
- 20 Eram estes os limites Sudeste e Noroeste do trabalho de Paulo. Ilírico estava ao norte da Macedônia. Hor, *Op. Cit.*, p. 573.
- 21 C. Peter Wagner, *Extendiendo el Fuego* (Miami, FL: Unilit, 1995), p. 48.
- 22 Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, p. 91.
- 23 Francis D. Nichol, *Op. Cit.*, v. 6, p. 811.
- 24 Ellen G. White, *Serviço Cristão*, p. 261.
- 25 Gordon Fee, *Primera Epístola a los Coríntios* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1994), p. 946, 947.
- 26 Francis D. Nichol, *Op. Cit.*, v. 6, p. 365.
- 27 Frederick Fyvie Bruce, *New Testament History* (Garden City, NY: Doubleday, 1971), p. 394.
- 28 C. Peter Wagner, *Our Kind of People* (Atlanta, GE: John Knox Press, 1979), p. 125.
- 29 René C. Padilha, *Misión Integral: Ensayos Sobre el Reino y la Iglesia* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1986), p. 156, 157.
- 30 Gordon Fee, *Op. Cit.*, p. 940.
- 31 *Ibid.*, p. 774.

Testemunho inspirado

Em seus primórdios, de acordo com Ellen White, os adventistas não se reuniam em templos: “A princípio reuníamo-nos para o culto e apresentávamos a verdade àqueles que vinham para ouvir, em casas particulares, em celeiros, bosques e edifícios escolares; não demorou muito tempo, porém, e pudemos construir humildes casas de oração”.¹ Ao se referir aos pequenos grupos, ela usou vários termos entre os quais “reuniões familiares ou sociais”,² “pequenas sociedades” e “pequenas reuniões”.³

Durante a infância, seus primeiros contatos com os pequenos grupos foram nas reuniões de oração de seu lar e nas classes bíblicas da igreja metodista da qual fazia parte. Após o desapontamento, foi numa reunião em grupo que ela recebeu a primeira visão e viajou contando sua experiência em reuniões grandes que logo se transformavam em grupos, além de participar de reuniões sociais ou de testemunhos em grupo, nas grandes campanhas. Na Europa (1885-1887), Ellen White apoiou os grupos como forma de capacitação, testemunho, evangelização, e como meio para abrir novas igrejas.

Entre 1887 e 1891, estando nos Estados Unidos e vendo o crescimento das instituições, também recomendou os grupos como forma de manter a vida espiritual e missionária das igrejas. Sugeriu reuniões em grupos para estudo aplicativo da Bíblia nas campanhas. No período em que esteve na Austrália (1891-1900), ela novamente recomendou as reuniões em grupos como método de evangelismo, testemunho, treinamento e cuidado pastoral.

Na última etapa de sua vida nos Estados Unidos (1900-1915), ela recomendou os grupos às áreas educativa, médica, jovens, ministerial, assistência social e missionária.⁴ Com uma vivência de mais de 58 anos com pequenos grupos, é significativo que, em 1902, ela tenha escrito:

“Por que não sentem os crentes preocupação mais profunda, mais fervorosa pelos que estão afastados de Cristo? Por que não se reúnem dois ou três e instam com Deus pela salvação de determinada pessoa, e, em seguida, de outra? Formemos em nossas igrejas grupos para o serviço. Unam-se vários membros para trabalhar como pescadores de homens. Procurem arrebataram pessoas, da corrupção do mundo, para a salvadora pureza do amor de Cristo.

“A formação de pequenos grupos como base de esforço cristão, foi-me apresentada por Aquele que não

pode errar. Se há na igreja grande número de membros, convém que se organizem em pequenos grupos a fim de trabalhar, não somente pelos membros da própria igreja, mas também pelos incrédulos. Se num lugar houver apenas dois ou três que conheçam a verdade, organizem-se num grupo de obreiros. Mantenham indissolúvel seu laço de união, apegando-se uns aos outros com amor e unidade, animando-se mutuamente para avançar, adquirindo cada qual ânimo e força do auxílio dos outros. Manifestem eles paciência e longanimidade cristãs, não proferindo palavras precipitadas, mas empregando o talento da palavra para edificar-se uns aos outros na mais santa fé. Trabalhem com amor cristão pelos que se acham fora do redil, esquecendo-se de si mesmos no empenho de ajudar outros. Ao trabalhar e orar em nome de Cristo, seu número aumentará, pois diz o Salvador: ‘Se dois de vós concordarem na Terra acerca de qualquer coisa que pedirem, isso lhes será feito por Meu Pai, que está nos Céus’.”⁵

Dessa declaração, entendemos que o plano não falhará, porque foi revelado por “Aquele que não pode errar”. Congregações grandes e pequenas devem formar pequenos grupos, com a missão de evangelizar interna e externamente, pois são a base de todo esforço cristão. A autora sugere uma diversidade de grupos para o bem da igreja: serviço, intercessão, trabalho missionário, grupos de obreiros e outros.

Esse modo de vida na igreja ajuda a manter e estreitar os laços entre os irmãos, estimula o crescimento de cada membro, eliminando a formalidade e recuperando a *koinonia*. Finalmente, produz crescimento numérico, porque o Senhor assim prometeu. “A apresentação de Cristo em família, no lar e em pequenas reuniões em casas particulares, é muitas vezes mais bem-sucedida em atrair pessoas para Jesus, do que sermões feitos ao ar livre, às multidões em movimento, ou mesmo em salões e igrejas.”⁶ – Daniel Rode

Referências:

¹ Ellen G. White, *Testemunhos Para Ministros*, p. 26.

² *Notas Biográficas de Elena de White* (Buenos Aires, AR: Aces, 1995), p. 36.

³ Russell Burrill, *Recovering and Adventista Approach to the Life and Mission of the Local Church* (Loma Linda, CA: Loma Lina University Library, 1997), p. 236.

⁴ *Notas Biográficas de Elena de White*, p. 71.

⁵ Ellen G. White, *Testemunhos Seletos*, v. 3, p. 84, 85.

⁶ _____, *Obreiros Evangélicos*, p. 193.



Diretor do Centro de Estudos
Seculares e Pós-modernos da
Associação Geral da IASD

Construindo pontes

*Orientações para
estabelecimento de pequenos
grupos direcionados a
evangelizar indivíduos
com mentalidade
pós-moderna*

Depois de ensinar às multidões durante todo o dia, dormir um pouco num barco de pesca e ser acordado no meio da noite para acalmar uma furiosa tempestade, Jesus, finalmente, alcançou a região de Decápolis, onde encontrou um homem cuja mente e alma estavam dominadas pelo poder das trevas. O único desejo daquele homem era alcançar a liberdade, justamente o que não tinha até se encontrar com Jesus.

O encontro à beira-mar durou apenas alguns minutos, mas no momento em que Jesus lhe devolveu a vida digna e liberdade que desejava, ele foi transformado para sempre. Jesus não lhe pediu nada em retribuição, mas o homem insistiu em querer segui-Lo. Em vez disso, o Mestre lhe ordenou que voltasse ao lar e testemunhasse aos familiares e amigos a respeito da razão de sua cura e paz então experimentadas. Jesus Cristo era seguido por multidões, mas o que Ele necessitava era alguém que contasse Sua história com credibilidade. E Ele sabia que, naquele homem, encontrara essa pessoa, cujo nome ficou perdido no tempo. A história está relatada em Marcos 5:1-20.

Comunidade

Acaso, isso lhe soa familiar? Nossa igreja está cheia de indivíduos sinceros e valiosos, que são bons ouvintes, gostam de fazer perguntas, mas não sabem como contar a história de Jesus às pessoas com as quais partilham a vida. Porém, Cristo necessita de narradores de Sua história, que estejam ligados ao coração de amigos e familiares, que possam falar sobre o que Ele tem feito na vida deles. Cristo necessita de pessoas ligadas à comunidade em que vivem.

Em nossos dias, comunidade pode ser conceituada de muitas formas. Há comunidades virtuais, grupos de vizinhos, colegas de trabalho, e outras. Cada um de nós participa de pelo menos um desses tipos de comunidade. Na sociedade moderna, as pessoas desejam participar de algum tipo de comunidade. E, embora possamos servi a Jesus de muitas formas, longe ou perto, o modo mais fácil e efetivo de servir é participar ativamente em nossa comunidade, contando às pessoas o que Ele tem feito por nós.

Discipulado

Pequenos grupos direcionados a indivíduos pós-modernos é o método para estabelecimento de comunidade no contexto do ministério de Cristo e está fundamentado em três princípios: amizade, processo e nutrição. Ou seja, devemos fazer amizade com outras pessoas, desfrutar o processo de nos conhecermos uns aos outros e a Deus, e nutrir espiritualmente nossos amigos de modo a gerar outras ligações em comunidades. A verdade é que cada crente deve se tornar a encarnação do ministério: viver e respirar o ministério em seu dia-a-dia (Jo 1:14).

Amizade. Existem cinco princípios de ligação que devem ser implementados corretamente na vida real. *Tempo* é a primeira das cinco chaves para a amizade. A maioria das pessoas gosta de *conversar*. Porém, todos necessitam ser ouvidos. Ouvir e falar são mecanismos que nos ligam de modo dinâmico a outras pessoas. E que melhor ocasião existe para conversar que o momento em que desfrutamos uma *refeição*? Jesus comia com as pessoas, porque Ele sabia que isso satisfaz o corpo e a mente. A *simpatia* inclui muitas ações e emoções. Para ser simpáticos, nós

nos importamos com as pessoas, as amamos e sentimos prazer estando com elas em nosso círculo. A simpatia busca meios de *satisfazer necessidades* dessas pessoas.

Processo. Ou seja, satisfazer necessidades espirituais (Fp 1:6). Uma vez que seus amigos sabem que são importantes para você, e que você está disposto a ouvir suas histórias, também eles estarão prontos para ouvir o que você tem a lhes falar. Certamente, também lhe falarão sobre o desejo que têm de satisfação espiritual.

Em nossos dias, o evangelismo é um processo de construção de relacionamentos com Deus e Sua igreja. Indivíduos com mentalidade pós-moderna não vêm para a igreja, e nela permanecem, apenas com base na experiência de um evento passageiro. Precisamos estabelecer meios pelos quais eles desenvolvam a experiência de estudar a Bíblia, orar e aplicar os ensinamentos bíblicos à vida real. Escreveu Ellen G. White: “Reunimo-nos para mutuamente nos edificarmos com o intercâmbio de ideias e sentimentos; para adquirirmos poder, luz e ânimo ao nos familiarizarmos com as esperanças e desejos uns dos outros.”¹

Nutrição envolve apoio e encorajamento constantes (Mc 4:33). O batismo não é o fim da estrada, seja para conquista e solidificação da amizade, seja para aprender sobre Deus. É justamente o início do caminho. O trabalho de nutrição espiritual e encorajamento é desenvolvido em várias formas: uma refeição partilhada, diálogo informal a respeito da vida e espiritualidade, grupos de atividades para estudo da Bíblia ou prestação de serviços comunitários.

Formação do grupo

Um pequeno grupo é uma comunidade designada para levar pessoas a Jesus Cristo. É um ambiente onde indivíduos podem se sentir livres para ser eles mesmos e onde podem se relacionar de modo íntimo e real com pessoas que partilham de uma experiência espiritual comum. É um

lugar em que perguntas podem ser respondidas, onde também podem se divertir e desfrutar a vida juntos.

Como podemos estabelecer um pequeno grupo direcionado a alcançar pós-modernos? Inicialmente, devemos encontrar uma ou duas pessoas que partilhem dessa visão e planejar o trabalho com elas. Comece com amigos pós-modernos já estabelecidos e, a partir daí, tome a iniciativa de fazer novos amigos e convidá-los para o grupo. “Os membros devem ser divididos em pequenos grupos, a fim de trabalhar não somente pelos outros membros, mas também pelos descrentes”.² Aqui, a chave do sucesso é a habilidade para fazer amigos e ter material adequado para atender o grupo.

As reuniões podem ser feitas de muitas maneiras: durante os fins de semana, para estudar a Bíblia e aplicá-la ao dia-a-dia, em um só lugar ou em lugares diferentes. Os encontros devem ser bem informais. Nesse ambiente, introduza o assunto do dia, utilizando uma história ou vídeo do livro-texto ou manual de estudos. A discussão será natural, especialmente se todos leram o tópico anteriormente designado. Para estimular a discussão, é sábio ter perguntas previamente elaboradas.

Termine a reunião orando em grupos de duas ou três pessoas, ou apenas uma pessoa orando, ou ainda qualquer outra atividade que leve os participantes para mais perto de Deus. Seja como for, escolha algo que seja agradável ao grupo.

Sugestões

Aqui está um esboço do que pode ser feito durante as reuniões do grupo:

- ◆ Conversa informal sobre algum acontecimento atual importante.
- ◆ Pode-se tomar um suco ou comer alguma iguaria leve.
- ◆ Oração sobre alguma inquietação apresentada.
- ◆ Introdução do assunto para discussão (história ou apresentação do DVD).

◆ Discussão do tópico indicado no livro-texto ou manual.

◆ Oração final.

Esse tipo de pequeno grupo está fundamentado em dez princípios:

Afirmção. Valorize e aprecie cada pessoa pelo que ela é.

Compromisso. Você faz parte, é importante, é necessário para o grupo.

Honestidade. Fale a verdade com o amor, a voz e o coração de Jesus.

Abertura. Permita que cada um fale sem ser criticado.

Confidencialidade. O que for dito no grupo permanece no grupo. Esse é um lugar seguro para ser aberto e honesto.

Responsabilidade. Engano e fraude são inimigos mortais. Devemos nos manter leais e verdadeiros.

Sensibilidade. Ter mente aberta e boa vontade para compreender a experiência do outro.

Relevância. Vivemos em um mundo que está sempre em mudanças. Não podemos perder o toque das necessidades mutantes.

Informalidade. Esta é uma comunidade em que podemos caminhar juntos como somos e nos alegrar na companhia um do outro.

Crescimento. Não se feche. Faça amigos, amplie sua comunidade!

Alcançar indivíduos pós-modernos requer um processo que começa com interação afetuosa e significativa, com o objetivo de estabelecer relacionamentos. É um modo de vida, de se ligar àqueles que nos rodeiam, mostrando que nos importamos com eles. O processo não termina com o batismo. Nutrição e encorajamento são indefinidamente contínuos, através de profundo relacionamento espiritual na comunidade. Embora seja longo, é o processo mais recompensador para o cristão. Afinal, “a grande obra do evangelho não deverá ser encerrada com menor manifestação do poder de Deus do que a que assinalou o seu início”.³ ■

Referências:

¹ Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 2,

p. 578.

² *Ibid.*

³ Ellen G. White, *O Grande Conflito*, p. 611.



Reitor do Salt e coordenador do Espírito de Profecia da Divisão Sul-Americana

Comunhão e missão

Precisamos nos comprometer com os ensinamentos e a metodologia evangelística de Jesus Cristo



O moderno movimento dos “pequenos grupos” surgiu nos Estados Unidos em meados do século 20, e cresceu significativamente a partir da década de 80.¹ Fundamental para esse crescimento foi a ampla divulgação do sucesso de Paul Yonggi Cho com os assim chamados “grupos familiares” na Igreja do Evangelho Pleno, em Seul, Coreia.² Vinculada à Igreja Evangélica Assembleia de Deus, essa comunidade segue um modelo congregacionista de organização eclesial, e seus grupos familiares

adotam liturgia carismática de curas e milagres, atraindo muitos interessados. O êxito da Igreja do Evangelho Pleno tem sido tão marcante que em 2007 ela já contava com aproximadamente 830 mil membros.³

Motivados pela experiência de Cho, alguns pastores adventistas sul-americanos começaram a promover, na década de 80, a implantação de grupos familiares em suas congregações.⁴ Os adventistas já haviam trabalhado com Escolas Sabatinas Filiais, Unidades Evangelizadoras, Koinonias e o Projeto Pioneiro, que podem ser

considerados precursores dos pequenos grupos.⁵ Mas os primeiros experimentos adventistas com grupos familiares na América do Sul foram esparsos e inconstantes. Essa realidade só foi superada depois que os pequenos grupos se consolidaram no território peruano, e o Departamento de Ministério Pessoal da Divisão Sul-Americana os incorporou como uma de suas estratégias evangelísticas.

Embora os pequenos grupos ou células sejam hoje um dos métodos mais populares e eficazes de crescimento de igreja, existem sérias críti-

cas tanto ao misticismo carismático de Paul Yonggi Cho quanto à ideologia sociológica das células “G12”.⁶ Diante dessa realidade, é imprescindível construirmos um modelo de pequenos grupos autenticamente adventista, fundamentado nos princípios bíblicos.⁷ O presente artigo fornece uma breve visão panorâmica do desenvolvimento de pequenos grupos nas Escrituras, baseado no princípio de que tais grupos devem “trabalhar, não somente pelos membros da própria igreja, mas também pelos incrédulos”.⁸ Esse princípio pode ser resumido adequadamente no binômio “comunhão e missão”.⁹

Antigo Testamento

O conceito de missão no Antigo Testamento tem sido definido como de natureza *centrípeta*, em contraste com a missão *centrífuga* do Novo Testamento.¹⁰ Uma das características básicas desse conceito é a de gentios sendo atraídos para junto do povo de Deus, como no caso da rainha de Sabá que visitou o rei Salomão (1Rs 10:1-13; 2Cr 9:1-12), e dos embaixadores de Babilônia que indagaram acerca da cura miraculosa do rei Ezequias (2Rs 20:1-19; 2Cr 32:24-31; Is 38-39). Em Isaías 56:1-8 aparece uma profecia sobre a era messiânica em que israelitas e estrangeiros seriam reunidos no templo de Jerusalém, que se chamaria “Casa de Oração para todos os povos” (v. 7).

Encontramos também no Antigo Testamento a existência de pequenos grupos de pessoas, como no caso de Noé e sua família na arca (Gn 7); a reunião de Abraão com o Senhor e dois anjos (Gn 18); e a celebração da Páscoa em família, em alguns casos, com a presença de vizinhos (Êx 12:1-11). A importância da religião em família é destacada tanto na postura de Josué ao renovar a aliança com o Senhor (Js 24:14, 15) quanto no costume de Jó de reunir sua família para a santificar (Jó 1:4, 5). Deuterônimo 11:19 ordena: “Ensinai-as [as palavras do Senhor] a vossos filhos,

falando delas assentados em vossa casa, e andando pelo caminho, e deitando-vos, e levantando-vos.”

O convívio e o ensino em pequenos grupos, mesmo com propósitos evangelísticos, encontra suas raízes no Antigo Testamento. Mas devemos ser cuidadosos para não impormos ao texto bíblico conceitos que só se tornam explícitos no Novo Testamento. Tentativas de considerar a própria Trindade no Céu, bem como Adão e Eva no Jardim do Éden, como já sendo pequenos grupos, podem acabar desvirtuando a natureza e o propósito desses grupos. A mera socialização, por mais importante que seja, jamais deveria substituir a ênfase em *comunhão e missão*.

Novo Testamento

A igreja apostólica combinava de maneira marcante a comunhão e a missão, como evidente em Atos 2:42-47: “E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações. Em cada alma havia temor; e muitos prodígios e sinais eram feitos por intermédio dos apóstolos. Todos os que creram estavam juntos e tinham tudo em comum. Vendiam as suas propriedades e bens, distribuindo o produto entre todos, à medida que alguém tinha necessidade. Diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus e contando com a simpatia de todo o povo. Enquanto isso, acrescentavam-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos.”

Em seus primórdios, a igreja cristã se reunia no templo de Jerusalém, nas sinagogas locais e, posteriormente, nas catacumbas de Roma. Como os templos cristãos somente começaram a surgir no início do século 3 d.C., muitas igrejas funcionavam nas próprias casas dos cristãos. Referindo-se a Priscila e Áquila, Paulo menciona “a igreja que se reúne na casa deles” (Rm 16:3-5) e “a igreja que está na

casa deles” (1Co 16:19). Paulo escreveu também a respeito da “igreja que ela [Ninfa] hospeda em sua casa” (Cl 4:15), e da “igreja que está em tua casa [de Filemom]” (Fm 1, 2). Mesmo variando em número de membros e também em temas estudados, tais igrejas do lar estavam focalizadas na comunhão e missão, e ainda servem de modelos para nós. Mais do que mera reunião de cristãos, uma igreja em casa possui certas características distintivas.

Ellen White declara: “Algumas famílias têm uma pequena igreja em casa. O amor mútuo liga entre si os corações, e a unidade que existe entre os membros da família prega o sermão mais eficaz que se possa pregar acerca da piedade prática. Ao cumprirem fielmente os pais seu dever na família, restringindo, corrigindo, aconselhando, guiando – o pai como sacerdote da família, a mãe como missionária do lar – estão ocupando a esfera que Deus quer que ocupem. Pelo fiel cumprimento dos deveres domésticos, estão multiplicando instrumentos para fazerem o bem fora de casa. Estão se tornando mais aptos para trabalhar na igreja. Educando discretamente seu pequeno rebanho, ligando os filhos a si mesmos e a Deus, pais e mães tornam-se colaboradores de Deus. A cruz é erguida em seu lar. Os membros da família se tornam membros da real família do alto, filhos do celeste Rei.”¹¹

Círculo apostólico

Na minha opinião, o modelo supremo de pequenos grupos não se encontra nos antecedentes do Antigo Testamento nem nas igrejas das casas mencionadas no Novo Testamento, e sim no próprio círculo apostólico (ver Mt 10; Mc 3:13-19; Lc 6:12-16), formado por pessoas das mais variadas personalidades.¹² O texto bíblico afirma que Jesus “designou doze para estarem com Ele e para os enviar a pregar” (Mc 3:14). Fica evidente a ênfase na comunhão (“para estarem com Ele”) e na missão (“para

os enviar a pregar”). Em realidade, “os doze eram o âmago de um novo movimento representando a nova era e a nova atividade de Deus”.¹³

“O pequeno grupo ideal é caracterizado por confraternização, socialização, ensino, treinamento e evangelização”

Os apóstolos foram chamados como discípulos do Mestre para uma missão específica (Mt 4:19). No círculo apostólico, formado por doze pessoas, eles (1) mantinham comunhão com Cristo; (2) socializavam-se uns com os outros; (3) eram ensinados pelo Mestre; (4) eram treinados para a missão; e (5) participavam dos esforços evangelísticos. Ellen White comenta que “quase todos os doze tinham vivido juntos, como membros da família de Jesus”.¹⁴ “Era pelo contato pessoal e a associação, que Jesus preparava os discípulos. Ensinava-os, às vezes, sentado entre eles na encosta da montanha; outras, às margens do lago, ou caminhando em sua companhia, revelava-lhes os mistérios do reino de Deus.”¹⁵

O que ocorreu no círculo apostólico não devia ser considerado honrosa exceção, e sim um modelo ideal a ser seguido ainda hoje. “Jesus escolheu homens ignorantes, porque não haviam sido instruídos nas tradições e errôneos costumes de seu tempo.”¹⁶ “Quão incansáveis foram Seus esforços no sentido de preparar os discípulos para o trabalho! Mas quanto pouco temos feito!”¹⁷ “A vida desses homens, o caráter que desenvolveram e a poderosa obra por Deus operada por intermédio deles, são testemunhos do que Ele fará por todos quantos forem dóceis e obedientes.”¹⁸ Sem dúvida, “o que homens fizeram, homens podem fazer”.¹⁹

O ideal de Cristo

Existem hoje vários modelos de pequenos grupos, com distintos

objetivos. Alguns deles são grupos apenas de socialização. Outros, de aprofundamento doutrinário. Outros ainda, de evangelização. Creio que cada um deles cumpre um propósito específico e pode ser uma bênção para a igreja. Mas que impacto a Igreja Adventista do Sétimo Dia exerceria no mundo se seus pequenos grupos conseguissem integrar essas diferentes áreas, buscando se aproximar o máximo possível do ideal deixado por Cristo no círculo apostólico, onde havia comunhão, socialização, ensino, treinamento e evangelização!

Outras denominações podem se contentar com um modelo meramente sociológico de pequenos grupos, onde as pessoas se sentem aceitas e confortadas por um mero evangelho social ou mesmo por um simples existencialismo religioso, sem verdadeiro compromisso com a Palavra de Deus. Mas como adventistas do sétimo dia, que procuram viver em conformidade com “toda palavra que procede da boca de Deus” (Mt 4:4), precisamos nos comprometer não apenas com os ensinamentos de Cristo, mas também com Sua metodologia, devidamente contextualizada à nossa realidade.

Ellen White declara: “Lembremos de que se deve ver na vida dos seguidores de Cristo a mesma devoção, a mesma sujeição à obra de Deus de todos os reclamos sociais e de todas as afeições terrenas, que se via em Sua vida. [...] Deus exige aquilo que nós não damos – consagração sem reservas. Se todo cristão tivesse sido fiel ao voto feito ao aceitar a Cristo, não teriam sido deixadas a perecer no pecado tantas pessoas no mundo. Quem responderá por aqueles que têm baixado à sepultura sem estar preparados para se encontrar com seu Senhor?”²⁰ Nossos pequenos grupos devem se transformar em genuínos centros de treinamento de missionários que concluirão, pela graça de Deus, a pregação do “evangelho eterno” (Ap 14:6, 7) em nossa geração. ▀

Referências:

- ¹ Alguns antecedentes históricos do moderno movimento de pequenos grupos são mencionados em Emílio Abdala, *Ministério*, janeiro-fevereiro de 2009, p. 29-31.
- ² Paul Yonggi Cho, *Successful Home Cell Groups* (Plainfield, NJ: Logos International, 1981); *Grupos Familiares y el Crecimiento de la Iglesia* (Miami, FL: Vida, 1982). Informações adicionais sobre a igreja do Evangelho Pleno de Yoido podem ser encontradas no site <http://www.fgtv.org>.
- ³ [http://pt.wikipedia.org/wiki/Cavid_\(Paul\)_Yonggi_Cho](http://pt.wikipedia.org/wiki/Cavid_(Paul)_Yonggi_Cho), acessado em 04/05/2009.
- ⁴ Ver, por exemplo, Paul Yonggi Cho, *O Ministério Adventista*, maio-junho de 1985, p. 21-24; Tercio Sarli, *Revista Adventista*, junho de 1985, p. 8, 9; Alberto R. Timm, *Esboços de Estudos Para Grupos Familiares: Um método moderno e eficaz para o crescimento e a conservação de sua igreja* (Porto Alegre, RS: Departamento de Ação Missionária da Associação Sul-Rio-Grandense da IASD, 1985).
- ⁵ Alberto R. Timm, *Ministério*, janeiro/fevereiro de 2009, p. 25, 26.
- ⁶ Ver, por exemplo, Peter Masters, “Occult Healing Builds World’s Largest Church: The Influence of Paul Yonggi Cho”, em <http://falseteachersexposed.blogspot.com>, acessado em 04/05/2009; “G12 e os desafios atuais!” em <http://www.lideranca.org>, acessado em 04/05/2009.
- ⁷ Alguns conceitos úteis sobre a base bíblica dos pequenos grupos podem ser encontrados em Gareth W. Icenogle, *Biblical Foundations for Small Group Ministry: An Integrative Approach* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1994); Elias Brasil de Souza, em Milton Torres, org., *Pequenos Grupos, Grandes Soluções* (Cachoeira, BA: Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia, 2007), p. 15-27.
- ⁸ Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 7, p. 21, 22; *Serviço Cristão*, p. 9; *A Ciência do Bom Viver*, p. 152; *Obreiros Evangélicos*, p. 193.
- ⁹ Em novembro de 2007, a Comissão Diretiva Plenária da Divisão Sul-Americana da IASD reafirmou, através do voto 2007-211, o “compromisso de Comunhão e Missão dentro do programa de Evangelismo Integrado”.
- ¹⁰ Johannes Blauw, *A Natureza Missionária da Igreja: Exame da Teologia da Missão* (São Paulo: ASTE, 1966).
- ¹¹ Ellen G. White, *Filhos e Filhas de Deus*, *Meditações Matinais* 1956, p. 223.
- ¹² Ver Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 290-297; Arthur Spalding, *Irmãos do Rei: Uma análise dos caracteres que compõem a família de Deus* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1988), p. 75.
- ¹³ Donald A. Hagner, *Matthew 1-13*, *Word Biblical Commentary* (Dallas, TX: Word, 1993), v. 33A, p. 267.
- ¹⁴ Ellen G. White, *O Maior Discurso de Cristo*, p. 3.
- ¹⁵ _____, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 152.
- ¹⁶ *Ibid.*, p. 250.
- ¹⁷ Ellen G. White, *Conselhos Sobre Mordomia*, p. 53.
- ¹⁸ _____, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 250.
- ¹⁹ _____, *Conselhos Sobre o Regime Alimentar*, p. 28.
- ²⁰ _____, *Conselhos Sobre Mordomia*, p. 53.



Professor no Seminário Teológico da Faculdade Adventista da Bahia

Sem medo de mudar

Mover-se da zona de conforto para a zona de perigo não é próprio de corações tímidos

Um bom exemplo sobre novos paradigmas é a história dos relógios suíços, citada por James Emery White.¹ A Suíça fabricava os melhores relógios do mundo e estava sempre comprometida com o constante aprimoramento de sua técnica. Foram os suíços que inventaram os ponteiros dos minutos e dos segundos. Eles lideraram a tecnologia mundial na descoberta de melhores técnicas de fabricação de mecanismos internos de relógios, desde os modelos à prova d'água até os de parede. Em 1968, a Suíça fabricava 65% dos relógios do mundo e embolsava aproximadamente 90% dos lucros do comércio mundial.

Porém, entre 1979 e 1981, 52 mil dos 62 mil operários de suas fábricas perderam o emprego e o país passou

a controlar apenas 10% do mercado mundial. Sua fatia de lucros caiu para menos de 20%, porque os suíços se recusaram a considerar uma nova tecnologia: os relógios movidos a quartz, inventados por eles mesmos, mas que foram rejeitados porque não tinham o pino de dar cordas. Era uma mudança de paradigmas muito grande para os padrões suíços. A Seiko implementou a tecnologia e se tornou líder do mercado mundial.

O passado que era tão seguro, lucrativo e dominante foi destruído pela indisposição em considerar o futuro. O êxito do passado os cegou para a importância de considerar as implicações de um mundo em mudança, e de admitir que as realizações do passado não garantem o sucesso do futuro. Semelhantemente, métodos e práticas estabelecidos pela geração passada têm molda-

do o ministério, o evangelismo e a organização da igreja do século 21. Reconsiderar essas práticas em nada compromete a mensagem. Cristo ensinou sobre a natureza da mudança: "Ninguém tira um pedaço de veste nova e o põe em veste velha; pois rasgará a nova, e o remendo da nova não se ajustará à velha. E ninguém põe vinho novo em odres velhos, pois o vinho novo romperá os odres; entornar-se-á o vinho, e os odres se estragarão. Pelo contrário, vinho novo deve ser posto em odres novos" (Lc 5:36-38).

Malphurs afirma que muitas pessoas em igrejas típicas recusam as mudanças porque preferem o *status quo*. Escolhem permanecer em seu próprio mundo, em vez de se aventurar para o mundo público do desconhecido. Essas pessoas podem ser comparadas a crianças que, se pudessem, prefeririam o conforto e a segurança do útero materno ao

nascimento em um mundo cheio de situações imprevistas e com potencial para dor e desconforto. Mover-se da zona de conforto para a zona de perigo, onde estarão vulneráveis não é próprio de corações tímidos.²

Pessoas e mudanças

Para algumas pessoas, a mudança pode implicar perda de poder e prestígio. Outras resistem às inovações por desconfiar dos líderes, por causa do estresse gerado pelo processo de mudança, pelo excessivo apego a tradições muito acariciadas e por causa de certos aspectos de seu temperamento. Estudos realizados por E. Rogers e F. Shoemaker³ sugerem as seguintes categorias de pessoas, em relação ao modo como encaram as mudanças:

Inovadoras. Três por cento dos indivíduos mostram-se sonhadores, criativos e entusiastas em relação às mudanças. Falam muito sobre inovações, mas não são bons implementadores.

Entusiastas. Aproximadamente 14% dos membros da igreja estão cansados do *status quo* e, portanto, são otimistas e receptivos a novas ideias. Uma estratégia de mudança deve envolver essas duas primeiras classes nos programas e propostas.

Conservadores. Cerca de 34% dos membros não reagem, até que tenham todas as evidências positivas. Ambivalentes, eles não buscam mudanças, mas também não resistem a elas. Gostam do rótulo de conservadores e são fiéis ao pastor. Apenas querem tempo para refletir.

Relutantes. Aproximadamente 34% dos membros são articulados e podem falar mal da mudança. Porém, com o passar do tempo, mudam de opinião. Não são facilmente convencidos sobre a importância da nova ideia.

Resistentes. Aproximadamente 15% dos membros são pessoas tradicionais que podem se opor abertamente às mudanças. Encontram-se bastante comprometidos com o *status quo*.

O melhor momento

Segundo Win Arn,⁴ há certos momentos na vida de uma igreja, em que seu ciclo de vida pode ser interrompido através de intervenções. Estes momentos devem ser vistos como janelas abertas para mudanças positivas:

Momentos de crise. A crise tem grande potencial para iniciar uma mudança (Êx 18; Ne 1:2-11; At 6:1). Ela pode tomar várias formas: declínio do número de membros, falta de jovens na igreja, divisões internas, queda moral de um membro que evidencia falta de espiritualidade.

Transferência do pastor. A chegada de um novo pastor pode motivar a revitalização do distrito. Os membros sempre dão certo crédito ao novo pastor, pois querem causar boa impressão. O axioma ensinado nos seminários: “não faça mudanças no primeiro ano”, tem se provado ineficaz. O período da “lua de mel” pode ser o melhor momento para introduzir novas ideias.

Plantio de novas igrejas. Novas igrejas são mais receptivas a ideias do que congregações mais antigas.

Nomeação de oficiais. O início do novo ano eclesiástico é a oportunidade para renovar a comissão da igreja.

Durante reavivamentos.

Seminários na área de crescimento de igreja.

Com o propósito de ajudar a discernir o momento certo para sugerir mudanças, John Maxwell sugere a lista de verificação abaixo.⁵ Questões respondidas com “não” indicam que a mudança será difícil:

Como fazer a mudança

A oração e a pessoa certa no lugar certo são grandes agentes de mudança. Contudo, o processo pode ser mais bem entendido pela fórmula de Lewis, mencionada por Lyle Schaller: descongele a situação atual, mova a igreja para outro nível, congele o novo nível.⁶ Emory Griffin faz interessante analogia entre o processo de mudança e a fabricação de uma vela.⁷ Para fazer a vela, primeiramente derrete-se a cera, o que corresponde à fase do descongelamento de Lewis. Então, molda-se a cera derretida para que assuma a forma de uma vela, como acontece ao serem as pessoas movidas para um novo nível. Finalmente, a vela se torna sólida pelo resfriamento.

Derreter. Usar informações e agentes de mudança para iniciar um descontentamento intencional, chamando a atenção para a imagem da igreja na comunidade (Ne 2), trazer à lembrança da igreja melhores tempos ou desafiá-la com um ideal a ser buscado.

Moldar. Lançar a visão (Ne 1:2-4), desenvolver um plano, recrutar uma equipe, mobilizar para a ação.⁸

Congelar. Fazer avaliações regulares.

Mudando para pequenos grupos

♦ Estabeleça uma base de oração para seu projeto.

♦ Colete todas as informações possíveis sobre a dinâmica dos pequenos grupos: dados sociais, demográficos e econômicos disponíveis sobre a comunidade e sobre a igreja

Esta mudança beneficiará os membros? () Sim () Não

É compatível com os propósitos da organização? () Sim () Não

Os formadores de opinião (20% dos membros são favoráveis)? () Sim () Não

É possível testar a mudança antes de se comprometer totalmente com ela? () Sim () Não

Há suficientes recursos financeiros, humanos e físicos? () Sim () Não

A mudança é irreversível? () Sim () Não

A mudança produz benefícios de curto e longo prazos? () Sim () Não

A liderança está capacitada para implementar a mudança? () Sim () Não

O momento é oportuno? () Sim () Não

local (taxa de crescimento anual e decenal, métodos evangelísticos que funcionaram no passado, composição etária dos membros, maiores causas de apostasia e outros).

- ◆ Desenvolva um núcleo de cristãos consagrados que se tornarão discípulos do pastor. Treine-os e providencie equipamento para eles, como se seu pastorado dependesse deles. Selecionar líderes é essencial e as qualidades requeridas são estas: paixão evangelística, entusiasmo, dedicação, tempo para oração e estudo da Bíblia.

- ◆ Ofereça regularmente seminários de treinamento, para desafiar líderes e anciãos. Há duas maneiras básicas de treinar líderes para os pequenos grupos. A primeira consiste em oferecer sessões de treinamento de fins de semana com instrução básica sobre o funcionamento deles. A segunda maneira é iniciar um grupo protótipo com potenciais líderes. O discipulado não é produto de cursos e lições, mas de envolvimento (1Ts 1:5-7). Esse modelo é vantajoso para igrejas que já falharam na implementação de pequenos grupos no passado e tenham poucos líderes experientes para iniciar o projeto.

- ◆ Seja flexível. Permita que os pequenos grupos se agrupem por área geográfica, afinidade, categorias (jovens, idosos), ou de acordo com os dons espirituais. Independentemente da abordagem escolhida, defina os seguintes elementos comuns a todos os grupos: propósito (quem se unirá, objetivos e currículo a ser adotado); concerto em relação ao grupo (regras, horários, período de existência do grupo); planejamento (onde se reúnem, responsabilidades individuais, eventos sociais e evangelísticos) e avaliações.

- ◆ Estabeleça uma estrutura capaz de supervisionar, encorajar e apoiar os pequenos grupos em sua igreja (Êx 18). Nomeie um coordenador geral e tenha encontros periódicos com os líderes, solicitando-lhes relatórios. Determine a cada membro do grupo uma responsabilidade.

- ◆ Desenvolva uma estratégia de

discipulado que inclua atividades evangelísticas e atividades para nutrir e fortalecer os novos crentes. Crie uma rota de progresso espiritual para os membros dos grupos. Um modelo sugestivo é considerar três níveis de desenvolvimento espiritual, baseados em 1 João 2:12-14: filhos, jovens e pais.⁹

- ◆ Promova os pequenos grupos em sua igreja. A fim de que as pessoas entendam e assimilem a visão do líder, é necessário educá-las e lembrar continuamente o valor e importância dos grupos. Isso pode ser feito por meio de sermões, boletim da igreja, cartazes, apresentações em *PowerPoint*, dramatizações, camisetas e DVDs promocionais.

- ◆ Desenvolva duas estratégias: uma para conquistar novos crentes e a outra para nutri-los, fortalecê-los e conservá-los na igreja.

- ◆ Ministre regularmente seminários para motivar e inspirar líderes e anciãos. Reconheça-os com certificados, *pins*, broches, elogios públicos, sinceros e genuinamente amorosos, pelo trabalho realizado e pela dedicação.

Compromisso missionário

Peça que cada grupo realize projetos missionários anuais. Uma sugestão é o programa da Semana Santa, no primeiro semestre, e outro em setembro, durante a primavera. Outra ideia válida é a realização de cruzadas de decisão pelo pastor, durante uma semana ou quinze noites, para colheita em territórios em que dois ou mais grupos fizeram a sementeira.

Sugira que cada membro realize seu concerto ou pacto em relação ao grupo. Isso será mais efetivo se você, primeiramente, pregar um sermão sobre o significado e importância dos concertos.

Os pequenos grupos funcionam! Quando pessoas unem seus dons e buscam o poder do Espírito Santo para realizar o serviço divino, elas se tornam instrumentos poderosos nas mãos do Senhor. Lembro-me de ter partilhado esses princípios em uma

pequena igreja que estava perdendo membros durante anos seguidos. Os membros foram divididos em grupos, com tarefas específicas em territórios específicos.

“Quando pessoas unem seus sonhos, sob o poder do Espírito Santo, elas se tornam poderosas nas mãos de Deus”

Passados dois meses de preparativos, foi realizada uma cruzada de colheita, tendo como base do programa os pequenos grupos. Sessenta pessoas foram batizadas como resultado desse esforço, a igreja foi reavivada e uma nova congregação foi estabelecida. Este é o corpo de Cristo em ação: homens e mulheres unidos, esforçando-se e encorajando-se mutuamente para o serviço. Oro para que cada um de nós se torne parte de um pequeno grupo, no qual poderemos reunir nossos dons, orações, e desenvolver companheirismo num grande movimento para Cristo Jesus. ■

Referências:

- ¹ James Emery White, *Rethinking the Church: a challenge to creative redesign in an age of transition* (Grand Rapids, MI: Baker, 1997).
- ² Aubrey Malphurs, *Pouring New Wine into Old Wineskins: how to change a church without destroying it* (Grand Rapids, MI: Baker, 1993), p. 81, 82.
- ³ E. M. Rogers e F. F. Shoemaker, *The Communication of Innovations* (New York: Free Press, 1971), p. 45-55.
- ⁴ Win Arn, *The Pastor's Manual for Effective Ministry* (Monrovia, CA: Church Growth Inc., 1988), p. 43.
- ⁵ John Maxwell, *Developing the Leaders Without You* (Nashville, TN: Thomas Nelson, 1993), p. 54, 55.
- ⁶ Lyle E. Schaller, *The Change Agent* (Nashville, TN: Abingdon, 1972), p. 86.
- ⁷ Emory A. Griffin, *The Mind Changers* (Wheaton, IL: Tyndale, 1977), p. 4.
- ⁸ Gary E. Tangeman, *The Disciple-Making Church in the 21st Century* (Fort Washington, PA: Christian Literature Crusade, 1996), p. 126-133.
- ⁹ Ralph Neighbor, *Where do You Go from Here?* (Houston, TX: Touch Ministries, 2000), p. 250-260.

APROFUNDANDO A CAMINHADA

2º FÓRUM DE PEQUENOS GRUPOS DA DIVISÃO SUL-AMERICANA

BRASÍLIA, 2-5 DE NOVEMBRO DE 2008

RESOLUÇÕES (RESUMO)

DECLARAÇÃO DE VISÃO

“Que os pequenos grupos sejam a estrutura espiritual e relacional básica da igreja e das ações relacionadas ao pastoreio, discipulado, e à participação dos membros na missão, de acordo com seus dons espirituais, constituindo-se no estilo de vida de cada adventista do sétimo dia. Que os departamentos da igreja e seus programas sejam facilitadores do desenvolvimento de pequenos grupos, e que estes sejam o veículo adequado dos programas da igreja.”

PROPOSTAS SOBRE GERENCIAMENTO E PASTOREIO

Os pequenos grupos devem ser a base para o processo de discipulado e a formação de líderes, de acordo com os dons espirituais. Ao pastor compete estruturar a liderança dos pequenos grupos da seguinte maneira:

- 1) Escolher o coordenador dos pequenos grupos
- 2) Escolher o supervisor de líderes para três a cinco grupos
- 3) Escolher o líder de pequeno grupo

Ele também deve estabelecer um cronograma de reuniões (semanais/quinzenais) com sua equipe de líderes, para ajustar o foco, prestar contas, apresentação de relatórios e elaborar as seguintes estratégias: priorizar o pastoreio e a edificação espiritual dos membros dos pequenos grupos.

COMPREENSÃO SOBRE PEQUENOS GRUPOS RELACIONAIS

A expressão “grupo relacional” não deve ser entendida como reunião social de pouco ou nenhum conteúdo bíblico, mas como um grupo de pessoas que se reúne para estudar a Bíblia, visando ao crescimento espiritual e à conquista de outras pessoas para Cristo. O pequeno grupo não deve ser apenas um grupo social nem exclusivamente evangelístico. Deve haver equilíbrio entre essas duas ênfases. Por sua vez, o estudo da Bíblia, doutrinário ou não, deve ser apresentado de modo relevante e pertinente, direcionado a atender às necessidades das pessoas.

Os interessados que frequentam os pequenos grupos devem ser inseridos numa classe bíblica ou receber pessoalmente uma série de estudos bíblicos como parte do seu preparo para o batismo.

TRANSIÇÃO PARA UMA IGREJA EM PEQUENOS GRUPOS

A igreja, em todos os seus níveis de organização (incluindo a igreja local), deve priorizar a implantação e consolidação dos pequenos grupos, num processo gradual e progressivo.

EVANGELISMO E PEQUENOS GRUPOS

Que os pequenos grupos, no planejamento missionário da igreja, sirvam de base para:

- 1) Motivar os membros ao cumprimento da missão, conforme os dons de cada um.
- 2) Envolver duplas missionárias com estudos bíblicos em casas de amigos.
- 3) Integrar à igreja aqueles que estão estudando a Bíblia.
- 4) Servir como ponto de apoio e participação dos membros nos grandes projetos missionários da igreja.

Que os pequenos grupos sejam apoio e complemento do evangelismo público, encaminhando interessados para as reuniões evangelísticas bem como prestando a eles a devida assistência. Ao ser planejado o evangelismo, a estrutura dos pequenos grupos deve ser considerada no que tange à conservação dos novos convertidos na igreja, bem como no surgimento de novas igrejas. O crescimento saudável dos pequenos grupos resultará em novas congregações, cuja liderança será a dos grupos que lhes deram origem.

Que o crescimento da igreja seja observado também na multiplicação dos pequenos grupos. Tendo alcançado maturidade, de modo natural, eles se dividirão para gerar novos pequenos grupos em outros lugares.

Que os pastores se especializem no Evangelismo de Colheita, utilizando os pequenos grupos como base para a semeadura. Isso facilitará a permanência dos convertidos na igreja e também o discipulado deles.



Diretor associado de
Comunicação da Associação
Geral da IASD

Louvor em grupo

“Cantarei ao Senhor enquanto eu viver; cantarei louvores ao meu Deus durante a minha vida” (Sl 104:33)

Abênção do cântico em grupo foi experimentada pelo povo de Deus, em sua peregrinação no passado: “Assim como os filhos de Israel, jornadaando pelo deserto, suavizavam pela música de cânticos sagrados a sua viagem, Deus ordena a Seus filhos hoje que alegrem sua vida peregrina. Poucos meios há mais eficazes para fixar Suas palavras na memória do que repeti-las em cânticos. E tal cântico tem maravilhoso poder.” (Ellen G. White, *Educação*, p. 167, 168).

As famílias são exemplos perfeitos de pequenos grupos. Pais e filhos devem cantar diariamente em louvor a Deus. Aliás, num pequeno grupo, o cântico deve ser constante, unindo os participantes sob uma abençoada atmosfera celestial. Foi assim no passado, e pode acontecer hoje. Relatando uma viagem que fez, Ellen G. White escreveu: “No domingo tivemos outro serviço de canto. Os passageiros escutam atentamente... Na segunda tivemos mais canto, e todos nós parecíamos estar mais unidos.” (*Evangelismo*, p. 503).

Problemas e soluções

Algumas pessoas apresentam dificuldades que supostamente impedem o cântico nos pequenos grupos. Observe algumas delas e como é fácil resolvê-las:

Não temos acompanhamento instrumental. Para cantar, não é preciso

acompanhamento instrumental. Evidentemente, ele contribui para a boa apresentação do cântico, mas não é indispensável. Às vezes, é até mais bonito cantar sem acompanhamento.

Há uma pessoa desafinada que atrapalha. Realmente, não é fácil cantar as notas diferentes da melodia tendo ao lado alguém cantando a mesma nota durante todo o tempo. Mas, não pense em descartar o cantor desafinado; não o ridicularize nem humilhe. Com amor e carinho, valha-se do restante do grupo para cantar corretamente perto dele. Agindo com paciência, perseverança e respeito, já testemunhei transformações maravilhosas nesse sentido.

Ninguém conhece música. Cantar em louvor a Deus não é privilégio exclusivo de músicos especializados. Sem dúvida, uma pessoa treinada pode ajudar bastante na liderança do cântico, mas tudo o que é necessário no pequeno grupo é boa disposição para louvar ao Senhor com alegria e gratidão. Momentos de louvor são oportunidades de comunhão com Deus e unidade no pequeno grupo.

Onde posso encontrar material adequado? O ideal é ter um piano ou teclado, para que haja acompanhamento ao vivo durante o louvor. Porém, caso isso não seja possível, pode-se usar os CDs e DVDs do *Hinário Adventista*, ou aqueles produzidos pelo Ministério Jovem. Há mui-

tos *playbacks* de solistas que também são adequados para os momentos de louvor dos pequenos grupos.

Preparo e envolvimento

Finalmente, considere as seguintes sugestões adicionais:

- ◆ Faça dos momentos de louvor uma ocasião espiritual. “Deve haver uma viva ligação com Deus em oração, uma viva ligação com Deus em cânticos de louvor e ações de graças.” (Ellen G. White, *Ibid.*, p. 498).

- ◆ Prepare-se. Evite improvisação e desorganização.

- ◆ Procure chamar a atenção para a mensagem da letra. Faça com que as pessoas cantem com espírito e entendimento. “Como parte do culto, o canto é um ato de adoração tanto quanto a oração. Efetivamente, muitos hinos são orações.” (Ellen G. White, *Educação*, p. 168).

- ◆ Não cante muito rápido, mas também não deixe que o cântico fique “arrastado”. Lembre-se de que as pessoas precisam respirar.

- ◆ Procure envolver todos os participantes do pequeno grupo. O cântico deve ser inclusivo, não excludente.

Acho maravilhosa a oração do salmista: “Cantarei ao Senhor enquanto eu viver; cantarei louvores ao meu Deus durante a minha vida” (Sl 104:33). Que o Senhor nos abençoe e inspire na utilização do louvor em nossos pequenos grupos. ■

DSA tem novo evangelista



Reunidos em Brasília, durante os dias 11 a 14 de maio, líderes da Divisão Sul-Americana votaram pelo estabelecimento do departamento

de Evangelismo, separando-o da Associação Ministerial. Para liderar o setor, foi nomeado o pastor Luiz Gonçalves que, até então, era o evangelista da União Central-Brasileira, depois de ter trabalhado como obreiro bíblico, na Associação Paulista Leste, e evangelista nas Associações Paulista Sul e Paulista Central.

De acordo com o pastor Erton Köhler, presidente da DSA, “o pastor Luiz Gonçalves é caracterizado por sua pregação profunda-

mente bíblica, apresentando a verdade com clareza”.

A Associação Ministerial da DSA continua sob a liderança do pastor Bruno Raso. Depois de atuar como associado nessa área, o Pastor Ranieri Sales aceitou o chamado para o Centro Universitário Adventista de São Paulo, Unasp. Como secretário ministerial associado, entre outras atividades desempenhadas, o Pastor Ranieri também coordenou, com muita sabedoria e especial dedicação, a produção da revista *Ministério*. ▀

Nasce a União Noroeste-Brasileira

O acelerado crescimento e a vastíssima extensão geográfica foram fatores decisivos para o surgimento de uma nova União na região norte do Brasil. Resultante da divisão da União Norte, a União Noroeste-Brasileira iniciará suas atividades em janeiro de 2010, sendo composta pelas Associações Central-Amazonas, Amazonas-Roraima, Amazônia Ocidental e Sul de Rondônia.

A Comissão Diretiva da Divisão Sul-Americana nomeou como presidente da nova União o pastor Gilmar Zahn, que liderava a Associação Espírito-Santense. Como tesoureiro, foi escolhido Celso Aparecido dos Santos, da Associação Bahia. ▀



Gilmar Zahn



Celso Santos

Fotos: Divulgação

Para pensar

“Mostre-me uma igreja grande, centralizada no pastor, e encontraremos um clero muito cansado. Mostre-me uma igreja grande, com leigos capacitados, e organizada de maneira simples, onde o clero não esteja completamente exausto por estar trabalhando demais, e eu lhes mostrarei uma igreja que não vai parar de crescer porque será capaz de cuidar bem das pessoas que Deus chamar para a vida nova por meio dela.” – Carl George

“Os pequenos grupos são a resposta? Não, mas podem ser um dos meios usados para revolucionar a igreja. O objetivo primário dos pequenos grupos é criar uma comunidade que se interesse pelas pessoas ao estender a mão para compartilhar Cristo com aqueles que não O conhecem.” – Russell Burrill

“A genialidade do ministério de Cristo foi que Ele Se dedicou primeiramente a umas poucas pessoas ao invés das massas, para que estas pudessem ser mais eficazmente alcançadas pelo evangelho.” – John Mallison

“Se há um grande número de pessoas na igreja, que os membros sejam organizados em pequenas companhias, para trabalhar não só pelos membros da igreja, mas pelos descrentes.” – Ellen G. White

“Jesus quer que ministremos como Ele ministra. Ele quer que Pedro alimente as Suas ovelhas e cuide delas, não como ‘profissional’ que conhece os problemas de seus pacientes e cuidam deles, mas como irmãos e irmãs sensíveis que conhecem e são conhecidos, cuidam e são cuidados, perdoam e são perdoados, amam e são amados.” – Henri Nouwen

Foto: Jupiterimages / Stockport

HUMOR

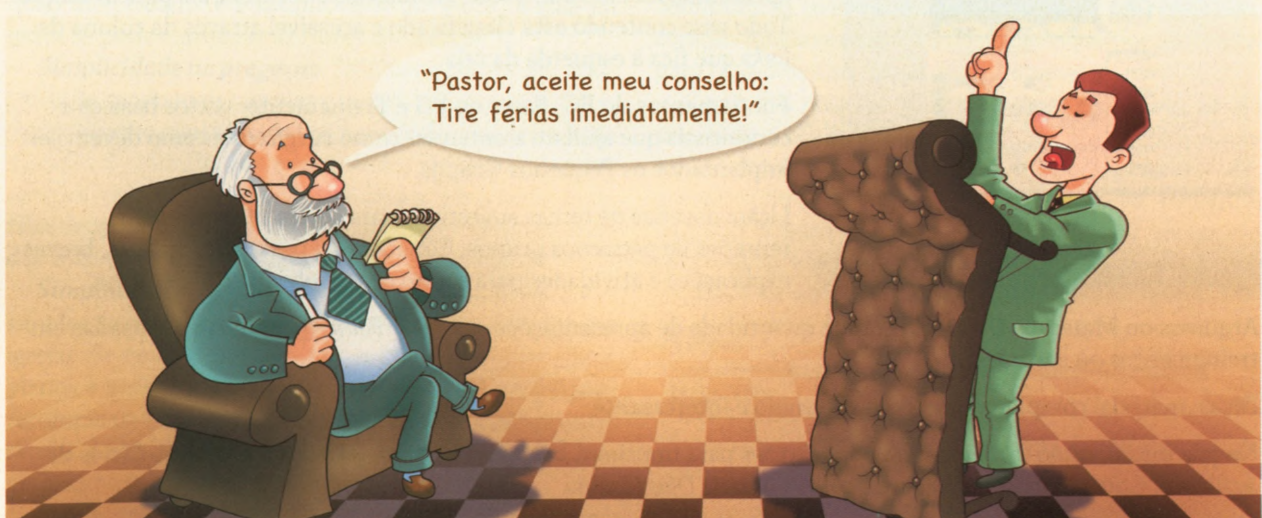
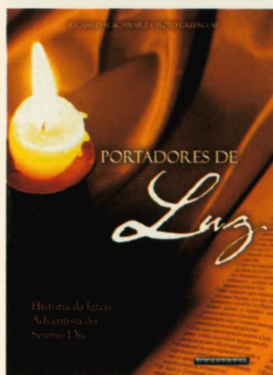


Ilustração: Thiago Lobo / Jasiel Borelho

PORTADORES DE LUZ

Richard W. Schwarz e Floyd Greenleaf, Editora Unaspres, Engenheiro Coelho, SP; tel. (19) 3858-9055, unaspres@unaspedu.br 704 páginas.



A mais completa obra sobre a história do movimento adventista finalmente está disponível em língua portuguesa. Em suas páginas, o leitor encontra descrições detalhadas de como foi o surgimento da igreja, o crescimento organizacional, o avanço missionário e o desenvolvimento das

instituições educacionais e de saúde. Também entenderá como a igreja tem continuado fiel à Bíblia, mesmo diante das diversas crises doutrinárias e dos desafios representados pela globalização e pelo secularismo. Além disso, ao incluir histórias ligadas aos pioneiros do movimento, *Portadores de Luz* também se destaca como rica fonte de experiências para palestras e sermões.

O DIA DA SUA VINDA

Alceu L. Nunes, Editora Unaspres, 166 páginas.



Ao longo dos séculos, muitos crentes não resistiram à tentação de marcar um dia específico para a volta de Jesus e o fim do mundo. A excitação e alarme provocados por eles despertaram movimentos apocalípticos que, em geral, sempre acabaram em frustração e vergonha, além de trazer descrédito para o

cristianismo. Este livro apresenta uma interessante retrospectiva desses movimentos e de suas consequências até os dias atuais, além de abordar as lições históricas que podemos tirar hoje dessas experiências.

ERRATA – “Lamentavelmente, na edição março/abril de *Ministério*, houve uma inversão na resenha dos livros *Confissões de um Pastor* e *Respostas Convincentes*. Por esse lapso involuntário, pedimos desculpas aos leitores.”

VEJA NA INTERNET

www.pequenosgrupos.org.br



Esse site é o que concentra a maior variedade de textos sobre conceitos e métodos, materiais prontos para serem utilizados, apresentações em *PowerPoint*, seminários e formulários para avaliação. Todo esse conteúdo está classificado e acessível através da coluna de *links* que fica à esquerda da tela.

Fundamentos do PG, Fases do PG e Treinamento: textos básicos e conceituais que ajudam a entender como surgiram e como devem ser implantados os Pequenos Grupos.

Lição: dezenas de temas sugestivos para serem utilizados em reuniões de pequenos grupos. Constan de: passagens bíblicas, breves explicações e atividades para serem desenvolvidas com o grupo.

Arquivos ou Materiais Diversos: grande quantidade de apresentações em *PowerPoint*, que podem ser usadas em treinamentos ou sermões.

Dicas: material complementar, bem resumido e interessante.

Na tela inicial, estão também *links* para cartões para imprimir, baixar o logotipo, ter acesso aos formulários de avaliação, e outros materiais de interesse. – Márcio Dias Guarda



Pequeno grupo, simplesmente

A complicação da vida moderna leva muitos indivíduos e empresas a pensar no retorno à simplicidade, a promover a desburocratização de processos administrativos e produtivos para que, de maneira simples, as coisas funcionem e as pessoas vivam melhor. Há uma sobrecarga de trabalho e informações tão grande que as pessoas anseiam por simplicidade.

Já existem movimentos como o *Slow Food*, contrários à vida agitada, cujos adeptos afirmam: “É inútil forçar os ritmos da vida. A arte de viver consiste em aprender a dar o devido tempo às coisas”.¹ Tom Rainer, em seu livro *Simple Church*, fala desse processo na vida da igreja. Como pastores, podemos experimentar a eficácia da simplicidade em nosso dia-a-dia.

Simplicidade no viver.

Diz Ellen G. White: “Se os homens de hoje fossem de hábitos simples, vivendo em harmonia com as leis da natureza, como viviam Adão e Eva, no princípio, haveria abundante provisão para as necessidades da família humana”.² “Quão encantadora, quão interessante é a simplicidade no vestir, a qual na graça se pode comparar às flores do campo!”³

Simplicidade na pregação. “Milhares podem ser atingidos do modo mais simples e humilde. Os mais intelectuais, aqueles considerados os homens e mulheres mais dotados do mundo, são muitas vezes refrigerados pelas simples palavras de alguém que ama a Deus e que pode falar desse amor tão naturalmente como o mundano fala das coisas que mais profundamente o interessam.”⁴

Simplicidade no planejamento. “Modalidades mais simples de trabalho devem ser idealizadas e adotadas nas igrejas. Se os membros aceitarem unanimemente esses planos e perseverantemente os executarem, recolherão recompensa farta; porque sua experiência se irá enriquecendo, a habilidade aumentando e, por seus esforços, pessoas serão salvas.”⁵

Estudos em crescimento de igreja mostram que a sim-

plificação torna a igreja mais relevante em seu círculo de ação. Porém, ser simples não significa ser superficial, sem conteúdo ou evasivo. De Cristo aprendemos que “Suas lições eram impressionantes, belas e repletas de importância, e todavia tão simples, que uma criança as compreendia. A verdade apresentada por Ele era tão profunda que o mais sábio e consumado mestre jamais a poderia esgotar”.⁶ Simplicidade também não implica necessariamente facilidade. A determinação de fazer como Jesus fazia exige muito esforço e dedicação.

Segundo Atos 2:46, 47, a igreja primitiva era simples em sua metodologia de pregação e adoração. De acordo com o texto, os cristãos reuniam-se “no templo” e “de casa

em casa”. Foi essa a minha experiência de conversão, quando aceitei o convite de uma jovem adventista para ir a um pequeno grupo. Tudo aconteceu muito simples: “Vamos à casa de uma amiga, ouvir a Palavra de Deus e conhecer alguns amigos.

Você vai gostar”. Fui e me deixei envolver por aquele ambiente de confraternização, oração, estudo bíblico e testemunho, tudo de modo tão informal que abriu meu coração àquelas pessoas e à mensagem que tinham. Voltei para casa desejoso de ser igual a elas.

Certo dia, naquela atmosfera de fraternidade, tendo estudado a Bíblia e cantado o hino “Mais perto quero estar”, entreguei minha vida a Jesus. Posteriormente, enfrentando rejeição por causa da minha fé, encontrei naqueles irmãos e amigos o apoio espiritual necessário para crescer e vencer. Tudo como fruto da beleza e simplicidade de um pequeno grupo. ■

Referências:

¹ Carlo Petrini, <http://www.slowfoodbrasil.com/content/view/12/28/25/05/2009>.

² Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, p. 47.

³ _____, *Review and Herald*, 17/11/1904.

⁴ _____, *O Colportor-Evangelista*, p. 39.

⁵ _____, *Testemunhos Seletos*, v. 3, p. 66.

⁶ _____, *Filhos e Filhas de Deus*, p. 266.

“Modalidades mais simples de trabalho devem ser idealizadas e adotadas”

ELEF - ENCONTRO DE LOUVOR EM FAMÍLIA

NA PRESENÇA DE DEUS

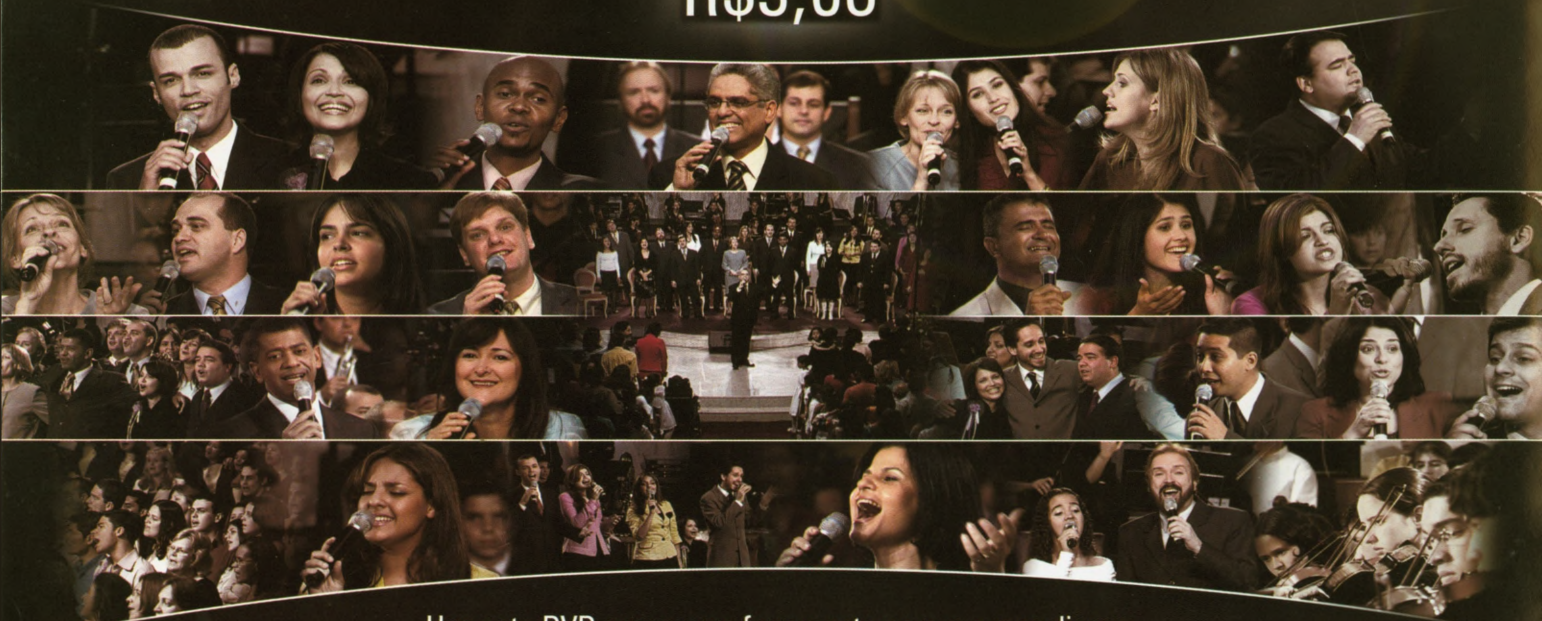
UM CULTO DE LOUVOR E ADORAÇÃO DIRIGIDO POR WILLIAMS COSTA JR.
COM 27 SOLISTAS, CORAIS, ORQUESTRA E CONGREGAÇÃO

A partir de 8 de agosto de 2009, 90% de desconto durante 90 dias.

Preço especial para projetos missionários

De R\$36,00 por

R\$3,60



Use este DVD como uma ferramenta para o evangelismo.

Mais informações, procure no YouTube: ELEF - Encontro de Louvor em Família

Pedidos na sua Igreja local, lojas da Casa ou pelo site: www.elef.org.br

Lançamento nacional no Canal Executivo, dia 7 de agosto, às 19h e na Rádio e TV Novo Tempo, dia 8 de agosto, às 13h